

N.º 10

2019-21

MAGAZANO

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS
E SUA COMUNIDADE EDUCATIVA

MAGAZANO

equipa editorial

ficha técnica

propriedade

Agrupamento de Escolas
Professor Reynaldo dos Santos
Rua 28 de Março (Bom Retiro)
2600-053 Vila Franca de Xira
Contactos:
263 276 149 | 263 282 246
263 282 246 (Fax):
E-mail: de.reynaldo@gmail.com

ano

outubro de dois mil e vinte e três.

edição e redação

Maria João Cruz (Coordenadora).

colaboradores/as

discentes

Afonso Almeida, Cláudia Oliveira,
Madalena Oliveira, Rita Afonso

docentes

Albertina Santos, Antónia Cara-Linda
Carla Morgado, Eduarda Mendes
Goreti Matos, Isabel Costa, Isabel Sou-
sa, José Carlos Morais, Luísa Fernan-
des, Margarida Lopes, Maria João Cruz
Marília Tanissa, Teresa Pinto, Vanda
Candeias.

técnicos

Rosa Casquinha

design gráfico

Isabel Sousa, Maria João Cruz.

paginação

Maria João Cruz.

capa

Conceção gráfica de Isabel Sousa.

direitos de autoria

As opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e das autoras dos artigos ou das pessoas entrevistadas e não refletem, necessariamente, os pontos de vista da equipa editorial.

temas

Editorial	03
Eco-escolas	04
Pão por Deus	06
Workshop de Natal	07
Homenagem ao pessoal não docente	08
Europe direct	09
Primeira selfie da humanidade	10
Educação inclusiva na Reynaldo	12
À volta dos nossos mundos	14
Pandemia marca ano letivo 2019-2020	17
A vacinação e as vacinas para a covid-19	20
Ler as mensagens de um século	22
Associação de pais e EE da Reynaldo	24
Conversando com Edite Borges	26
Engenheiras por um dia	28
Maratona de cartas	29
Somos uma escola que ajuda	30
Diretor da Reynaldo fecha um ciclo	32
Novo Diretor da Reynaldo	34
Plano Individual de Transição	36



Editorial

POR: **Maria João Cruz**

Caras(os) Leitoras(es),

A chegada tardia desta edição, devido a diversos constrangimentos, sendo o mais forte a pandemia por Covid-19 que levou ao encerramento das escolas durante longos meses, resultou de uma aturada reflexão crítica sobre diversas questões, sendo a mais relevante a que se prendia com o facto de, na presente data, esta publicação ainda fazer sentido?

Considerando que o objetivo da Magazano é deixar um registo escrito capaz de preservar a memória do Agrupamento Reynaldo dos Santos, pensamos que seria imperdoável não se contar a “estória” da vivência do tempo de pandemia nas escolas que o constituem.

Considerando, também, o respeito devido a todos e a todas que contribuíram com os seus textos e imagens para este número da revista, tantas vezes assoberbados de trabalho, mas nunca se eximindo de dar o seu contributo para que, mesmo tardiamente mas ainda “dentro do tempo”, a história do Agrupamento fosse contada, optámos por terminar esta edição, iniciada há longo tempo e que integra atividades de dois anos letivos: 2019-2020 e 2020-2021.

Nesta edição, que inicialmente se projetara dedicar à educação inclusiva, acabámos por também dar destaque à pandemia por Covid-19.

Começamos por conversar com Antónia Cara-Linda, a docente que coordena a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) e que desde o primeiro momento se disponibilizou para transmitir alguns aspetos relevantes que mereciam aqui ser referidos. Ainda no âmbito da mesma temática, quisemos perceber como são estes alunos e estas alunas fora da sala de aula, pelo que abordámos o assunto com Edite Borges, a assistente operacional que mais de perto trabalha com o grupo de jovens que se encontra na Unidade de Ensino Estruturado.



Na tentativa de percebermos melhor como será o futuro destes/as jovens depois de terminarem o percurso escolar dentro do Agrupamento, publicamos um texto da autoria da Técnica Superior de Mediação Social, Rosa Casquinha, que nos elucida sobre a preparação que fazem, direcionada para a vida ativa.

No início de 2020, o aparecimento do novo vírus — Sars-Cov 2 — haveria de dar um novo rumo a todos os domínios da vida, originando uma pandemia a nível mundial e em Março do mesmo ano é decretado o estado de emergência, que levou ao encerramento de todos os estabelecimentos escolares, pelo que, nesta edição, a Prof.ª Luísa Fernandes, conta como foram vividos esses tempos na Reynaldo, norteados por medos e inseguranças, quer em relação ao vírus, quer em relação às vacinas descobertas em tempo *record* e aqui explicadas por José Carlos Morais, docente de Biologia. Também Goreti Matos, docente de Física e Química, nos relembra outras pandemias outrora vividas.

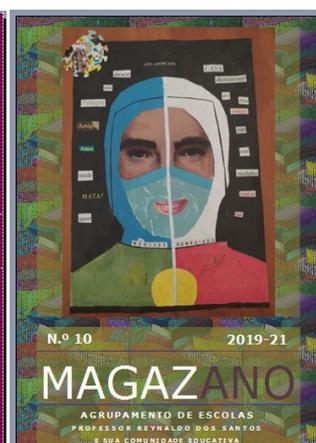
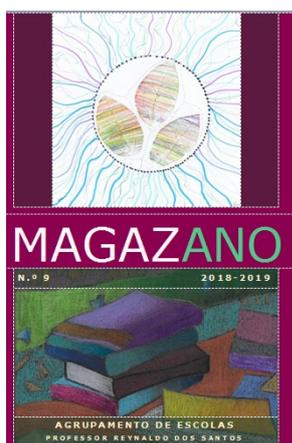
Damos ainda conta, nesta edição, como se retomou o funcionamento normal das atividades escolares, marcadas também pela mudança de Direção do Agrupamento. Assim, pedimos ao Diretor cessante, Prof. Eurico Valente, que fizesse um balanço dos 4 anos do seu mandato e perguntamos ao novo Diretor, Prof. Luís Fernandes, quais as expectativas que trazia para o desempenho do cargo.

E, sabendo-se que para a história ser bem contada não se pode deixar de lado os pequenos acontecimentos, a Magazano também deu o seu habitual destaque a atividades realizadas antes e após a pandemia, quer em sala de aula, quer em outros espaços da Escola, dinamizadas pelos seus docentes, ou por convidados oriundos de instituições académicas e socioculturais existentes em Portugal.

E assim se cumpriu e se termina um ciclo de memórias com a 10.ª e última edição da revista Magazano.

O projeto iniciado em 2010-2011, chegou agora ao fim, dando lugar a outras formas de registo, certamente mais aliciantes para jovens e adultos desta segunda década do século XXI.

Por fim, agradecemos a todos e a todas que ao longo destes anos contribuíram para a criação das 10 edições da Revista Magazano!



Eco-escolas

POR: Vanda Candeias, docente de Física e Química

Atividades desenvolvidas no âmbito do eco-escolas

O Eco-Escolas é um programa internacional da “Foundation for Environmental Education”, desenvolvido em Portugal desde 1996 pela ABAAE (Associação Bandeira Azul de Ambiente e Educação).

Pretende criar hábitos de participação e cidadania, tendo como objetivo principal encontrar soluções que permitam melhorar a qualidade de vida na escola e na comunidade. e encorajar ações e reconhecer o trabalho de qualidade desenvolvido pela escola, no âmbito da Educação Ambiental para a Sustentabilidade.

À semelhança do ano letivo anterior, a escola foi galardoada com a “Bandeira verde Eco-Escolas”.



CAMPANHAS DE LIMPEZA AO ESPAÇO EXTERIOR DA ESCOLA



PLASTICOLOGIA MARINHA (2.º CICLO) ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA DA ESCOLA REYNALDO DOS SANTOS (IMAGENS EM CIMA) E EM BAIXO.



CONSTRUÇÃO DE DEPOSITRÕES (IMAGEM À ESQ.ª).

Sessão sobre o mar com Francisco Lufinha



Francisco Lufinha, com a sua história de vida, inspira discentes da Reynaldo: alcançou dois recordes mundiais da maior viagem de kitesurf sem paragens e é o primeiro e único homem no mundo a navegar duas noites seguidas em cima de uma prancha. É um comunicador nato e enquanto orador e empreendedor dotado de enorme coragem e determinação em torno do Mar Português, tem partilhado a sua experiência com as mais diversas audiências, entre elas um grupo de discentes que encheu o auditório desta Escola.

Pão por Deus

POR: Carla Morgado e Eduarda Mendes, docentes de Educação Visual

DAC do 6.º C

A atividade Pão por Deus surgiu da saudade de querer relembrar uma tradição caída no esquecimento em substituição de outra que, embora interessante, acabou por deixar no esquecimento o nosso querido “Pão por Deus”.

O projeto “Agluha & dedal”, um dos dinamizadores da atividade, começou por contactar alguns professores e algumas professoras do segundo ciclo e, depois de uma breve reunião, deu-se início à planificação de um DAC, dinamizado pela turma do 6.º C para todos os alunos e todas as alunas do 2º ciclo. Esta atividade envolveu as disciplinas de Educação Visual, Educação Musical, Língua Portuguesa, História e Matemática.



UM MOMENTO DE CONFEÇÃO DOS BOLINHOS DOS SANTOS (EM CIMA) E OS MESMOS JÁ CONFECCIONADOS (EM BAIXO).

Com vista a realizar o Pão de Deus o mais tradicional possível os e as discentes do 6.º C prepararam as seguintes atividades:

- Canções tradicionalmente cantadas no dia do Pão de Deus (interpretadas pelo 6ºC);
- workshop de bolinhos de erva doce (Bolinhos dos Santos);
- workshop de costura de taleigos;
- workshop de Abóboras em tecido;
- workshop de caixas (embalagens para os bolos);
- venda de todos os produtos realizados ao longo de toda a atividade.



TALEIGOS (EM CIMA) E EMBALAGENS PARA OS BOLOS (EM BAIXO) CONFECCIONADOS POR DISCENTES SOB A ORIENTAÇÃO DAS PROFESSORAS CARLA MORGADO E EDUARDA MENDES.



A atividade decorreu de forma fantástica. Não temos palavras para descrever toda a azáfama, alegria e curiosidade manifestadas por todos os que arriscaram participar no Pão por Deus de todas as formas possíveis. Somos suspeitas mas trazemos até hoje, no nosso coração, os sorrisos dos nossos meninos e das nossas meninas.

Workshop de Natal

POR: Carla Morgado e Eduarda Mendes, docentes de Educação Visual

Patchwork embutido

Nesta atividade, realizada em dezembro de 2019, as e os Encarregados de Educação (EE) do 5.º D foram convidados a participar na atividade de Natal .

A atividade foi dinamizada pelas docentes Carla Morgado e Eduarda Mendes e concretizada em contexto de sala de aula com uma turma da Prof.ª Eduarda.

Foi feito um workshop de patchwork embutido em bolas de natal. Foi muito interessante e foram os alunos e as alunas que ensinaram os e as EE.



Homenagem ao pessoal não docente

POR: **Marília Tanissa, docente de Português**

Dez minutos de afeto

No dia 16 de dezembro de 2019, as portas dos vários setores da escola encerraram-se por momentos, com o pretexto de uma reunião que fora subitamente agendada.

Encaminhado para o auditório, o Pessoal Não Docente da nossa instituição, corporizado, por uma questão logística, pelos/as funcionários(as) que trabalham na escola sede do Agrupamento, foi surpreendido com a iniciativa *10 minutos de Afeto*, organizada pelas turmas A e B, do 12º ano.

A ideia consistia em distribuir atenção e gestos simples, num período diminuto, a fim de prevalecer a certeza de que o mínimo de tempo que se dedica a quem nos rodeia é suficiente para permitir a diferença, sublinhando essa convicção a uma geração que sabe repartir ternura mas refreia muitos dos seus gestos de carinho e atenção para com os demais.

Estes *10 minutos* iniciais seriam dedicados a este grupo determinante na operacionalização e gestão do quotidiano na escola, aos quais se seguiriam os tributos aos Pais e Encarregados de Educação, a realizar no segundo período, e, por fim, ao Pessoal Docente, no final do ano letivo. Este faseamento coadunava-se com a despedida que os/as alunos/as iriam progressivamente fazendo da escola que os acolheu, verbalizando algo a quem os/as marcou ou acompanhou em anos decisivos do seu crescimento e da sua formação identitária.

Esta atividade inédita na história do Agrupamento, como foi reconhecido quer pelo Senhor Diretor quer pelas Senhoras Coordenadoras dos/as Assistentes Operacionais e das Assistentes de Administração Escolar nas palavras endereçadas aos/ às discentes, em sinal de agradecimento, demonstrou que a todos



e a todas deve assistir a noção de que é imperioso não protelar as palavras e as emoções, que sempre se assumem oportunas, quando verdadeiramente sentidas e autênticas. Concebido e idealizado pelas turmas, deste tempo especial fizeram parte apontamentos musicais, selecionados e interpretados brilhantemente pelos/as discentes, como o *Prelúdio da suite nº1* de Bach, no violoncelo, a *Nocturne, op.9, n.2*, de Chopin, ao piano, e *Tango enSkai*, de Roland Dyens, à guitarra, e a leitura de um texto de reconhecimento aos/às homenageados/as, demonstrativo do papel que o Pessoal Não Docente representa na sua vida escolar.

Após estas audições, os/as funcionários/as foram chamados nominalmente, à medida que lhes era entregue uma flor e uma vela acesa, como registo da forma como iluminam o percurso destes/as alunos/as. Por último, foi preparado pelas turmas um pequeno momento de degustação, no qual os/as alunos serviram, com atenção e amabilidade, os destinatários destes minutos. E, assim, se acendeu e antecipou o espírito de Natal na REYNALDO, com a participação meritória destes jovens, que permitem, orgulhosamente, acreditar na construção de um mundo melhor, reconhecendo que uma ESCOLA se constrói todos os dias, com o contributo e vontade de quem nela acredita.



A FLOR E A VELA COM QUE O PESSOAL NÃO DOCENTE FOI BRINDADO.

Debater o futuro da União Europeia

No dia 19 de Fevereiro de 2020, o Dr. Nuno Aragão, do Centro *Europe Direct*, dinamizou uma sessão de trabalho com uma turma de 11.º ano do Curso de Ciências Socioeconómicas, a convite da Biblioteca da escola e de um grupo de docentes de várias disciplinas da turma, no âmbito de um DAC subordinado ao tema “O papel dos jovens na construção Europeia”.

O convidado começou por explicar a importância do Centro na organização de atividades promotoras do envolvimento dos cidadãos e das cidadãs no debate sobre o estado atual e o futuro da União Europeia (UE), dando vários exemplos de como os jovens podem participar ativamente no futuro desta instituição e fazer valer a sua voz, salientando a importância dos valores europeus na construção do futuro pelo que terão de ser os/as jovens a debater e a definir o que querem para este continente. Para isso, deverão ser pessoas informadas e exercerem a sua cidadania com responsabilidade, não se devendo eximir de usar a melhor “ferramenta” que as democracias colocam ao seu dispor - o voto - pois se respeitarmos a liberdade de escolha dos estados democráticos, a realidade só se mudará por essa via.

Os alunos e as alunas levantaram várias questões/problemas, relacionadas com a inovação tecnológica

e a sustentabilidade do planeta, o que a UE pode oferecer aos jovens e o que estes podem fazer pela UE e, ainda, que razões poderão justificar a abstenção dos jovens em atos cívicos?

Após a discussão destas e de outras questões apresentadas, ficou a ideia de que é a união que faz a força e se todos os dias as pessoas têm água, luz e paz é porque todos os dias há quem se preocupe com que estes bens essenciais à vida continuem a existir. Foi, também, realçada a importância da aquisição de conhecimento como parte fundamental da vida de todo o cidadão e de toda a cidadã, dado que cada vez mais é a solidez de bases que permite que, no futuro, se tenha a possibilidade de fazer aquilo que é mais necessário e não apenas aquilo para que cada indivíduo se especializou.

Foi ainda referido que as mudanças se fazem através da tomada de consciência das situações e o mais grave é haver consciência dos problemas e não querer fazer nada para os mudar.

Entre a diversidade temática abordada, foi ainda referida a importância que Portugal tem ao nível geoestratégico e também em termos de dimensão por ser um dos maiores países da UE, se considerarmos a sua dimensão marítima, que é cerca de 40 vezes superior à sua dimensão terrestre.



A primeira selfie da humanidade

POR: **Albertina Santos, docente de Português**

Conferência com o Prof. Carvalho Rodrigues

No dia 11 de novembro de 2019, a Escola Prof. Reynaldo dos Santos recebeu o professor Fernando Carvalho Rodrigues, cientista português e professor universitário, no âmbito da comemoração dos 500 anos da viagem de Circum-Navegação de Fernão Magalhães.

O professor Carvalho Rodrigues é conhecido como o "pai do satélite português", sendo o responsável máximo pelo consórcio Posat que constituiu e lançou o primeiro satélite português em 26 de setembro de 1993. Recebeu diversos prêmios e condecorações, dos quais se destacam o Pfizer, 1977, a comenda da Ordem Militar de Santiago da Espada e doutor Honoris Causa pela Universidade da Beira Interior, em 1995.

Conhecido pelo Bem-disposto e descontraído, Carvalho Rodrigues, considera que a "A primeira Selfie da Humanidade", está patente nos Biombos de Namban, uma vez que em 1543, os portugueses chegaram ao Japão, iniciando um contacto entre povos que foi, acima de tudo, um intercâmbio comercial e cultural entre civilizações que ficou registado nestes dois pares de biombos.

Neles se regista o ambiente festivo e de novidade que representava a chegada do barco negro dos nambanjin (os bárbaros do sul, como eram designados os portugueses) ao porto de Nagazaqui.



O PROF. DOUTOR FERNANDO ANTÓNIO CARVALHO RODRIGUES É UM FÍSICO PORTUGUÊS, NASCIDO NO DISTRITO DA GUARDA EM JANEIRO DE 1947. É AINDA DOUTORADO EM ENGENHARIA ELETRÓNICA PELA UNIVERSIDADE DE LIVERPOOL E É CONHECIDO PELO "PAI DO SATÉLITE PORTUGUÊS" POR EM 1993 TER SIDO RESPONSÁVEL PELO LANÇAMENTO DO PRIMEIRO SATÉLITE PORTUGUÊS PARA O ESPAÇO (PoSAT 1).

CONFERÊNCIA

Auditório - 11 de novembro – 10:30

"A primeira selfie da humanidade."

Prof. Doutor Fernando Carvalho Rodrigues

Licenciado em Física na Universidade de Lisboa, doutorado em Engenharia Electrónica pela Universidade de Liverpool, conhecido como o «pai» do satélite português.

Universidade de Lisboa

PoSAT-1



A minúcia com que são exibidos os vários intervenientes, a descrição da nau e do seu carregamento e a determinante presença dos missionários jesuítas, ultrapassam, pelo seu significado, o próprio registo visual, tornando estas peças num documento ímpar no contexto das relações Portugal-Japão.

Durante a sua palestra, estabeleceu ainda a ponte entre o contributo português para a conquista da via marítima e a atual conquista do espaço.

O professor Carvalho Rodrigues falou à plateia sobre a forma como os computadores têm substituído lentamente os seres humanos através de “uma sociedade que se foi estabelecendo sem debate, sem eleições e sem a gente dar conta”. O cientista afirmou que, dentro de pouco tempo, o número de máquinas será exponencialmente maior do que o de humanos e isso poderá ter consequências para a arte e para as leis. “Este mundo não está longe” “Este mundo não está longe. Este mundo está connosco.”

DURANTE A CONFERÊNCIA NO AUDITÓRIO DA REYNALDO COM A DOCENTE MARIA ALBERTINA SANTOS (À DIR.ª).

Carvalho Rodrigues recordou que a causa das coisas é “aprender e depois aprender a ser, para depois ser”, para colocar em evidência que o conhecimento e a inovação não são massas estanques que podem evoluir em separado.



O PROF. CARVALHO RODRIGUES VISITANDO A EXPOSIÇÃO “50 ANOS DA LUA” NA BIBLIOTECA DA ESCOLA SECUNDÁRIA PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS.

Educação Inclusiva na Reynaldo

POR: Isabel Sousa e Maria João Cruz, Equipa Magazano

Entrevista com Antónia Cara-Linda, Coordenadora da EMAEI

A fim de dar a conhecer à comunidade educativa as mudanças verificadas no âmbito da educação inclusiva, emergentes da alteração da legislação, a Magazano foi conversar com Maria Antónia Cara-Linda, docente que, atualmente, coordena a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) do Agrupamento Reynaldo dos Santos.

Magazano (M)> Recentemente, assistimos a uma mudança de paradigma no âmbito da Educação Inclusiva, que o Decreto-Lei n.º 54/2018 veio trazer. Em linhas gerais, o que caracteriza, em sua opinião, esta mudança?

Antónia Cara-Linda (A C-L)> Na minha perspetiva o Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, integra uma mudança de paradigma que não podemos dissociar do Decreto-Lei n.º 55/2018. As opções metodológicas assentam no Desenho Universal para a aprendizagem e na Abordagem Multinível de acesso ao currículo. Considero que a atual legislação elimina a categorização, alterando o conceito de Necessidades Educativas Especiais, para Necessidades Educativas Específicas, sendo que para qualquer discente, podem acionar-se medidas universais de suporte à aprendizagem. O enfoque assenta numa visão holística que integra aspetos comportamentais, sociais, emocionais e ambientais. Na medida em que todo o processo de aprendizagem é influenciado por todos estes fatores, o objetivo máximo é garantir que todos os alunos e todas as alunas desenvolvam as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

(M)> De que modo, os princípios e a legislação que regulamenta a Educação Inclusiva se enquadram na realidade das escolas em geral e na realidade deste Agrupamento em particular?

(A C-L)> Na minha opinião o Decreto-Lei n.º 54/2018, veio estabelecer a diferença entre uma Escola que recebe todos os alunos e alunas e uma Escola que garante que à saída, todos/as alcançaram competências e valores que lhes permitam a construção de um projecto de vida, independentemente dos percursos diferenciados que possam ter tido. **Incluir**, significa que a escola seja um espaço de aprendizagens significativas, ajustado ao perfil individual de cada discente e de desenvolvimento de Cidadania. Os factores de exclusão são variados e a “Escola” está efetiva-



mente em processo de mudança. O Agrupamento tem uma história de “acolhimento” das mais variadas formas de exclusão, social, económica, igualdade de género e de aceitação e/ou de desenvolvimento de respostas à “Diferença”.

Especificamente, como sabem, e de acordo com a antiga legislação, funcionava com duas Unidades de Ensino Estruturado, de apoio a discentes no espectro do autismo, foi Escola de Referência de Alunos Surdos e desenvolveu estratégias de implementação de Currículos Específicos Individuais.

O Agrupamento delineou um compromisso com a construção de uma escola em que apesar das assimetrias individuais, todos/as merecem respeito e o empenho no desenvolvimento máximo do seu potencial.

(M)> Como coordenadora de Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI), e apesar de este ser o primeiro ano de implementação deste novo sistema, considera que o Agrupamento tem tido os recursos físicos e humanos, bem como a capacidade de se organizar para conseguir prestar este apoio educativo adequadamente?

(A C-L)> O desafio da EMAEI foi proceder ao enquadramento das múltiplas diversidades à luz dos princípios orientadores da Educação Inclusiva, seguindo a premissa de assumirmos que todos os alunos e todas as alunas têm capacidade de aprendizagem e desenvolvimento, assegurando a não discriminação no acesso ao currículo.

Tal como é referido, estamos no primeiro ano de implementação da Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva, de um Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, de Equipas Educativas por Ano de Escolaridade...

E falamos de uma cultura de escola, que vincula toda a escola a um processo de mudança cultural e organizacional, de práticas educativas e de tempo para monitorizar e refletir. Neste aspeto estamos nós, enquanto Agrupamento e a Escola de um modo geral, no início do caminho... Reconhece-se a importância da flexibilização e diferenciação pedagógica, como resposta às necessidades específicas de cada discente, mas todos sabemos que há uma formatação/formação centrada na homogeneidade, no aluno-padrão. Por isso, considero que, estamos num percurso, que se irá fomentando através das interações, do diálogo e da reflexão em grupo. No nosso agrupamento fortaleceram-se percepções ajustadas e enquadradas à premissa de Escola Inclusiva e à promoção de boas práticas.

(M)> Considerando que todos os/as docentes têm de estar em condições de proporcionar atividades didáticas e pedagógicas individualizadas e diversificadas no âmbito das diferentes medidas de suporte à aprendizagem, considera que os/as mesmos/as têm boas condições para o fazer, tendo em conta o número de discentes por turma, o número de turmas e as diferentes disciplinas que normalmente cada docente tem de gerir no seu horário semanal?

(A C-L)> O Decreto-Lei n.º 54/2018 identifica a necessidade de recursos específicos de apoio à aprendizagem e à inclusão, quer ao nível de docentes e técnicos especializados, quer ao nível organizacional e da comunidade. No que se refere aos primeiros, o facto de docentes e técnicos especializados terem como foco a intervenção junto de alunos/as a beneficiar de medidas adicionais, implica seguramente um trabalho de retaguarda e apoio aos e às docentes dos diferentes conselhos de turma. Se os recursos serão insuficientes... acredito que sim, temos que aguardar a operacionalização.

No que se refere aos recursos organizacionais, a criação do Centro de Apoio à Aprendizagem, foi delineada e operacionalizada a resposta ao nível das áreas complementares à turma, e do ensino estruturado. A operacionalização da estrutura criada em organograma, se precisarem está disponível, pressupõe a existência de recursos humanos e materiais, que queremos acreditar venham a estar disponíveis para o próximo ano letivo, caso contrário será difícil obter resultados. O número de discentes por turma não constitui um facilitador, qualquer que seja a metodologia ou estratégia educativa, sendo cumprida a redução do número de discentes, nas situações previstas na legislação.

(M)> Sabendo que os/as encarregados/as de educação têm um papel importante no acompanhamento dos/as seus/suas educandos/as, com direitos e deveres instituídos, como caracteriza a sua participação no contexto deste Agrupamento?

(A C-L)> Todos sabemos que a família é determinante para a criação de valores, envolvimento afetivo, criação de ambientes securizantes e positivos e a relação casa/escola é fundamental como garantia de um desenvolvimento saudável. No que se refere aos alunos e às alunas com necessidades educativas específicas, os direitos de pais e encarregados de educação vêm reforçados nesta nova legislação. Do meu ponto de vista, considero de extrema relevância, ouvir os pais e envolvê-los no processo educativo. O problema coloca-se quando este envolvimento não se consegue e aqui falham os recursos organizacionais, a intervir no contexto familiar de modo a reforçar forças e superar fraquezas. O Agrupamento procura uma proximidade com a família, sendo, no geral, relevante a articulação e colaboração no processo educativo dos alunos e das alunas com necessidades específicas.

(M)> Finalizado o ano letivo e fazendo agora um primeiro balanço, quais os pontos fortes e quais os constrangimentos encontrados?

(A C-L)> No decurso deste ano letivo, conseguimos proceder à análise e reenquadramento de todo os alunos e alunas abrangidos pelo Decreto-Lei 3/2008, reformulando e ajustando medidas, redefinindo estratégias de intervenção, ouvindo todos os agentes educativos, com a participação de pais e/ou encarregados de educação. Foi um ano de sensibilização, divulgação, junto dos agentes educativos, de muitas dúvidas e anseios, mas conscientes de que este é o

caminho e de que é muito cedo para conseguirmos fazer uma reflexão sobre a operacionalização de todas estas medidas. Destacamos a necessidade de tempo/horas para desenvolver trabalho colaborativo.

(M)> Há algum assunto que considere relevante e que não foi abordado nesta conversa? Qual?

(A C-L)> Salientaria três aspectos: Tal como já referi houve uma preocupação máxima, em operacionalizar respostas no Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA), para os nossos alunos e para as nossas alunas a beneficiar de um Programa Educativo Individual. Dando cumprimento ao previsto na legislação em vigor, implementaram-se os Planos Educativos Individuais, destinados a promover a transição para a vida pós-escolar e se possível para uma atividade profissional.

A comunidade local, serviços e comércio foi recetiva e o processo de autonomia ganhou VOZ!

O Agrupamento dinamizou uma exposição intitulada “À volta dos nossos mundos”, representativa de práticas inclusivas, que esteve patente na DGest, durante o terceiro período letivo.

O Agrupamento desenvolveu um projecto de parceria com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no âmbito do projeto de investigação “GBL4deaf – Videojogos Educativos Acessíveis a Surdos”. O projeto tem como objetivo analisar a eficácia de videojogos educativos como uma ferramenta de apoio ao ensino da matemática a estudantes surdos do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico.

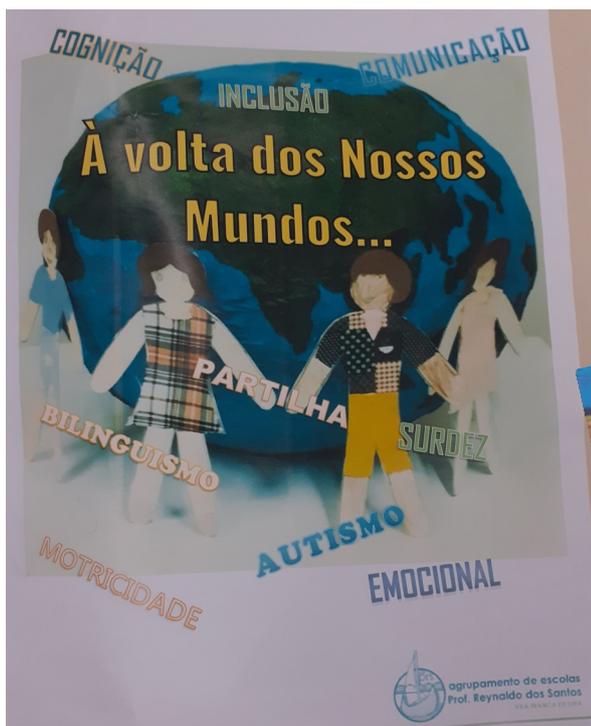
À volta dos nossos mundos

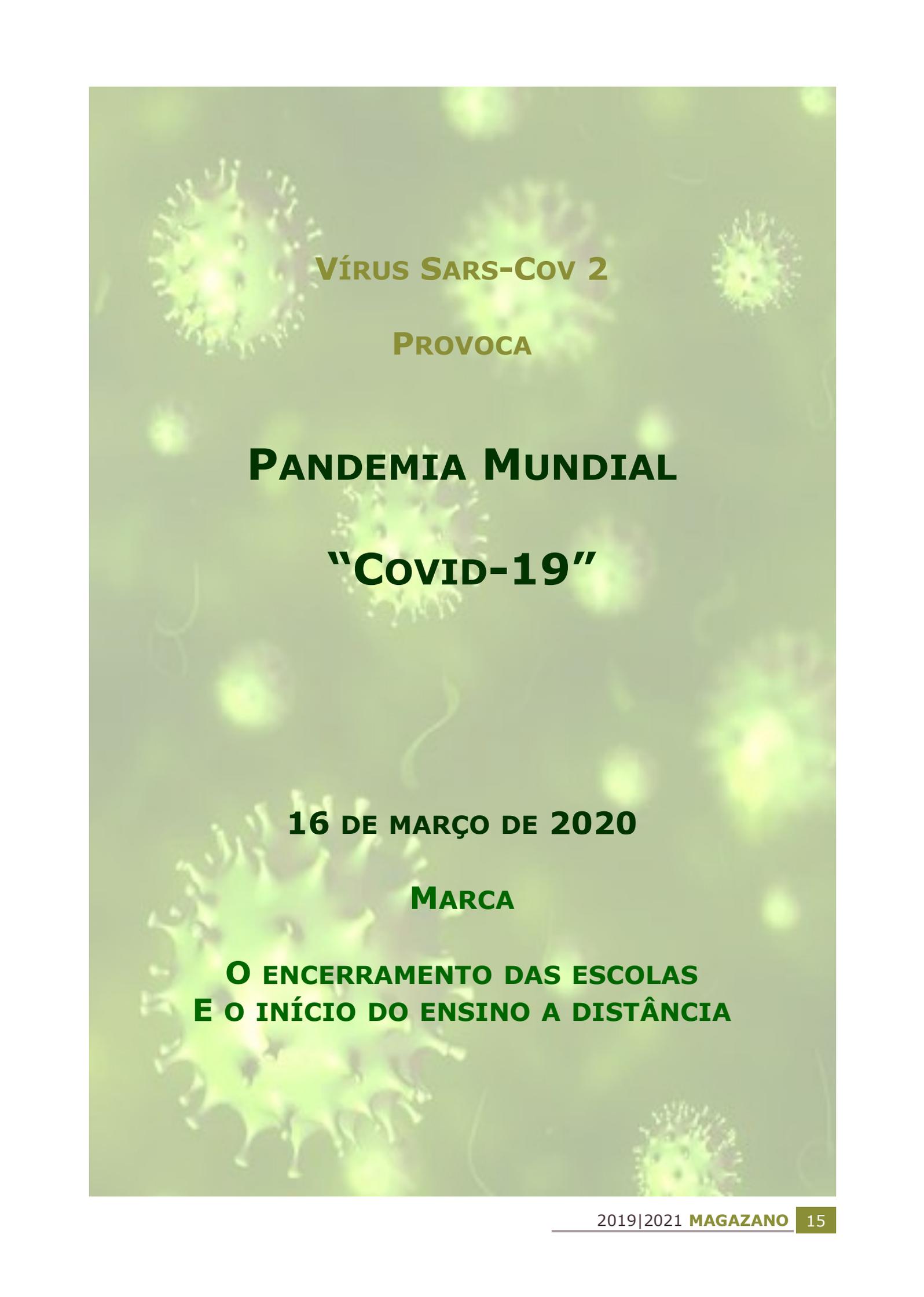
POR: **Antónia Cara-Linda, docente de Ensino Especial**

Exposição sobre Educação Inclusiva

Sobre a temática da inclusão, esteve patente na Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (DGEstE), na Praça de Alvalade em Lisboa, uma exposição de trabalhos de discentes no âmbito do tema aglutinador do Agrupamento “Tejo, passado, presente e futuro”.

Nessa exposição podíamos ler: “As práticas de escola inclusiva assumem-se como basilares na construção do futuro das nossas crianças e jovens, assumindo um compromisso de respeito pelo próximo e indo ao encontro de uma cultura educacional inclusiva. O respeito pela individualidade conduz-nos ao tema da exposição “À volta dos nossos mundos...”, que nos leva numa viagem à descoberta dos diferentes mundos que encontramos na riqueza da diversidade.” Apresentamos, em baixo, alguns dos trabalhos expostos.





VÍRUS SARS-COV 2

PROVOCA

PANDEMIA MUNDIAL

“COVID-19”

16 DE MARÇO DE 2020

MARCA

**O ENCERRAMENTO DAS ESCOLAS
E O INÍCIO DO ENSINO A DISTÂNCIA**

PANDEMIA MUNDIAL "COVID-19"



Na sequência desta pandemia é decretado o encerramento dos estabelecimentos de ensino no dia 16 de Março de 2020. Nas páginas seguintes, contamos como foram vividos esses tempos no Agrupamento Prof. Reynaldo dos Santos.

Pandemia marca ano letivo 2019-2020

POR: Luísa Fernandes, Subdiretora do Agrupamento Prof. Reynaldo dos Santos

Como o Agrupamento Reynaldo dos Santos viveu a pandemia

Segunda-feira, 16 de março de 2021... uma data inesquecível e sem precedentes: encerramento das escolas por tempo indeterminado!

Ganhava, à data, cada vez mais expressão o sentimento de preocupação com o papel das escolas na disseminação da COVID-19 e a ansiedade pela exposição crescente da comunidade educativa ao SARS-CoV-2 a que não era alheia a disseminação de notícias falsas sobre a alegada ocorrência de vários casos positivos no Agrupamento. Na portaria, sucediam-se os telefonemas a pedir esclarecimentos. Incutir/manter calma e serenidade à população escolar, no meio de tanta emoção e imprevisibilidade, estava a tornar-se numa tarefa cada vez mais difícil.

A decisão de fecho das escolas travava, assim, a crescente ansiedade, designadamente dos/das encarregados/as de educação (ees), muitos dos quais, no dia anterior, optaram já, por manter os/as seus educandos/as em casa.

Nas semanas anteriores e posteriores, intensificaram-se os contactos de articulação com as Associações de Pais, com a Autarquia e o Ministério da Educação; *disparou* a publicação de legislação e de normas com a decorrente produção de documentos internos para a organização interna e para a respetiva implementação de procedimentos específicos, tanto a nível pedagógico como funcional/logístico:



planos de contingência, com atualizações várias, regulamentação e instituição do ensino a distância (e@d), planos de intervenção pedagógica, acesso *online* dos/das discentes às aulas, recurso a meios para ultrapassar os muitos constrangimentos que se erguiam, como nas novas tecnologias...

Em poucos dias, mudaram-se práticas de trabalho, antes impensáveis e, sobretudo, a um ritmo alucinante e imprevisível, só possível graças à dedicação e ao sentido do DEVER de todos os envolvidos. E m poucos dias, a plataforma *Teams*, em todas as suas vertentes, tornou-se parte essencial das rotinas de toda a comunidade educativa. Assegurou, de forma homogénea, toda a comunicação e o e@d, graças, convém realçar também, ao recurso voluntário dos docentes aos seus próprios equipamentos pessoais.



Mobilizaram-se todos (poucos!) os equipamentos tecnológicos do Agrupamento, para assegurar tarefas administrativas, sempre que possível em teletrabalho, recorreu-se a estratégias de acompanhamento das crianças e jovens sem equipamentos tecnológicos...

O regresso ao ensino presencial, primeiro dos/as alunos/as com exames nacionais, e, depois, dos restantes ciclos, exigiu a adaptação dos espaços escolares e dos hábitos às novas regras sanitárias vigentes: a higienização das escolas, com orientações muito precisas, a definição de circuitos internos de circulação, a higienização pessoal, o uso de máscara, e a adoção de medidas com vista a salvaguardar o distanciamento social requerido.

São exemplo o condicionamento/controlo das mudanças de sala, o cumprimento rigoroso de lugares definidos nas plantas de sala, o ajustamento da mancha horária, com a redução dos intervalos, ou o alongamento do intervalo entre o horário da manhã e da tarde para facilitar a higienização das salas.

A escassez inicial de máscaras deu aso à imaginação e surgiram centenas de máscaras personalizadas distribuídas por toda a comunidade ... Reagia, assim, o projeto “Agulha e dedal”! Só mais tarde se viria a generalizar a entrega de kits de máscaras à população escolar.



MÁSCARAS CONFECCIONADAS NA ESCOLA REYNALDO DOS SANTOS, NO ÂMBITO DO PROJETO “AGULHA & DEDAL”. (EM CIMA).



ASSISTENTES OPERACIONAIS EQUIPADAS A RIGOR PRONTAS PARA INICIAR A DESINFECÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES.

Os meses decorridos antes e depois do confinamento de fevereiro de 2020 estiveram muito condicionados pelos efeitos da pandemia no Isolamento Profilático (IP) determinado, regularmente, para turmas - na totalidade ou parcialmente -, para Docentes e Não Docentes. O IP de docentes tinha um efeito dominó/multiplicador sobre o número de turmas afetado. Os regimes de ensino presencial, misto e à distância decorriam, em simultâneo. Em muitos casos, o e@ não podia ser aplicável, por falta de recursos humanos e/ou físicos. Alunos/as na escola sem aulas comprometiam o distanciamento social...

Diretamente envolvida no “turbilhão” causado pelo alastrar da pandemia, acima das exigências a que, num ápice nos vimos expostos, recorro, a entrega e a cumplicidade de todos os responsáveis pelo desenrolar dos muitos e variados processos desencadeados, a começar pelo Diretor e a sua Equipa e de todos/as os/as Docentes que nos acompanharam de perto e cuja cumplicidade tornou possível levar a bom porto a tarefa inédita com que nos deparávamos.

VERIFICANDO SE A QUANTIDADE DE MÁSCARAS PRONTAS A DISTRIBUIR PELA COMUNIDADE ESCOLAR JÁ É SUFICIENTE. (À ESQUERDA).



MANTENDO O DISTANCIAMENTO, NO REGRESSO ÀS AULAS.

Responsável pela articulação entre os vários intervenientes associados à identificação de focos de infeção e à tomada de medidas, gostaria de destacar a ligação estreita entre o Agrupamento e a Unidade de Saúde Pública, saudando, na pessoa da Sra. Delegada de Saúde, a resposta permanente e célere com que sempre pudemos contar e que muito nos ajudou a enfrentar os momentos mais inquietantes. Enquanto elo de ligação entre as escolas e os encarregados de educação, destaco, igualmente, o papel de Diretores/as de Turma, Professoras Titulares de Turma e Educadoras de Infância que, sempre disponíveis, foram incansáveis no cumprimento de todos os proce-

dimentos que garantiam uma comunicação célere e eficaz entre os vários intervenientes.

Ficam na história do Agrupamento, na minha história pessoal e na história pessoal de todos os que as experienciaram, as memórias daqueles dias que têm de especial o facto de terem sido inéditos, inesperados e, seguramente, tão inquietantes como desafiantes.

Bastante mudou, entretanto. Confiemos num futuro onde esta ameaça tenha sido inteiramente ultrapassada e que, não esquecendo as perdas irreparáveis, dela possamos também reter algumas aprendizagens.



ASSEGURANDO A LOGÍSTICA DO AGRUPAMENTO.

A vacinação e as vacinas para a Covid-19

POR: José Carlos Morais, docente de Biologia

O papel da vacinação na aquisição de imunidade

No final de 2019, um conjunto de casos de pneumonia em Wuhan, China, foi causado por um novo beta coronavírus. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a doença causada por este novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, é agora oficialmente chamada COVID-19. Os dados recolhidos e analisados de pacientes, utilizando PCR em tempo real e sequenciação de última geração, identificaram-no como um vírus da família de *Coronaviridae*, género, Coronavírus.

A capacidade de infeção do vírus e a sua propagação através de microgotículas da respiração, rapidamente transformou a doença numa pandemia que até ao momento já matou em todo o mundo perto de 3 milhões e meio de pessoas. A ausência duma terapêutica eficaz contra o vírus e a sintomatologia respiratória aguda associada, colocou rapidamente o foco nas vacinas como solução consensual, levando a um esforço global de partilha de conhecimento científico nunca antes realizado. A tão almejada imunidade de grupo que possibilitaria o regresso à normalidade das sociedades humanas, parecia estar dependente da imunização de 70% da população, de modo a quebrar as cadeias de transmissão e controlar a propagação do vírus.

A aquisição de imunidade faz-se através de células do nosso sistema imunitário específico, que guardam a memória da resposta do sistema de defesa do nosso organismo a um agente patogénico estranho. Essa memória adquire-se no primeiro contacto com o invasor, fica "arquivada" nos linfócitos (glóbulos brancos) B e T de memória e possibilita uma rápida resposta imunitária nos contactos posteriores. Esta resposta rápida e intensa impede o desenvolvimento de sintomas graves.

O objetivo das vacinas é provocarem a aquisição de imunidade de forma artificial, através da inoculação controlada do agente patogénico (o vírus) inativado ou dos seus componentes utilizados pelo nosso organismo para o identificarem – os antigénios.

Todas as vacinas contêm um componente ativo (o antigénio) que gera uma resposta imunitária, ou o esquema para a produção desse componente ativo.



O antigénio fornecido na vacina pode ser uma pequena parte do organismo causador da doença, como uma proteína da sua cápsula, ou pode ser o organismo inteiro numa forma enfraquecida ou inativa.

Existem 3 abordagens diferentes para se fazer uma vacina: utilizar o vírus ou bactéria na íntegra, utilizar partes do vírus que desencadeiam a reação do sistema imunitário ou utilizar apenas o material genético com o código dessas partes.

As vacinas para a COVID-19

Os diversos laboratórios mundiais que se lançaram na procura duma vacina eficaz contra a infeção pelo SARS-CoV-2, seguiram todas as metodologias possíveis, algumas delas ainda de aplicação muito recente em humanos. Todas têm o mesmo objetivo: levar até às nossas células os antigénios identificadores do vírus (aquelas proteínas da cápsula viral utilizadas para a ligação às células humanas), de modo a ativar precocemente o nosso sistema imunitário e capacitá-lo para uma reação rápida em caso de infeção viral.

Os laboratórios chineses, entre eles os produtores da "SINOVAC", apostaram na metodologia mais conhecida que era a inoculação de vírus SARS-CoV-2 inativado, produzido em cultura de células humanas *in vitro* (VERO) ou em ovos. Os vírus replicados em laboratório em células vivas, são posteriormente submetidos a radiação que os inativa.

Apesar de ser uma metodologia com provas dadas noutras vacinas, é mais demorada para produção em quantidade e, também por essa razão, revelou-se mais dispendiosa.

A abordagem seguida pela AstraZeneca-Oxford, pela Janssen e pelos russos produtores da Sputnik V, foi a de utilizarem um outro vírus que não o SARS-CoV-2 - um adenovírus. Manipulado em laboratório de modo a não se conseguir replicar e já utilizado noutras vacinas, esse vírus servia de transportador para o interior do nosso organismo, das proteínas identificadoras do SARS-CoV-2 (os antígenos) ou de um código genético para a sua produção.

Os laboratórios que optaram por seguir a linha de produção que aposta na utilização de proteínas virais do SARS-CoV-2 para serem injetadas na vacina, parece terem ficado para trás na corrida e nos testes de certificação da eficiência.

As primeiras vacinas a serem aprovadas pelos Estados Unidos e pela União Europeia foram a grande novidade. Tratam-se de vacinas de Ácido Nucleico com mRNA sintético modificado. O RNA é a molécula que contém o código das proteínas virais e que o SARS-CoV-2 utiliza para fazer cópias de si mesmo dentro das nossas células e propagar a infeção. Funciona como a informação genética equivalente ao nosso DNA.

As vacinas da Pfizer e da Moderna, utilizam uma parte do RNA viral, aquela que contém a informação para fazer as proteínas da coroa da cápsula do SARS-CoV-2. São essas proteínas que o nosso sistema imunitário reconhece como antígenos para deteção do vírus. As vacinas não fornecem toda a informação genética do vírus, mas apenas aquela parte específica da proteína.

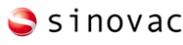
Não é, portanto, possível provocar uma infeção viral com essa vacina, pois a informação é insuficiente para que as nossas células vacinadas construam com ela um vírus, mas é suficiente para que as nossas células fabriquem as proteínas das espículas do vírus, que ativarão o nosso sistema imunitário para o combate específico ao SARS-CoV-2.

A produção destas vacinas é rápida, pois não implica a cultura de vírus em laboratório, mas a produção sintética duma parte da molécula com o seu código genético. A estabilização dessa molécula foi o maior desafio e implicou a obrigatoriedade do armazenamento a temperaturas muito baixas (no caso da Pfizer), ou o “embrulho” do material genético em nanopartículas lipídicas (na vacina da Moderna).

Todas as vacinas aprovadas, independentemente da sua tipologia, revelaram ser eficazes no combate à doença respiratória severa provocada pelo SARS-CoV-2 - a COVID-19. Quem é vacinado pode ser infetado pelo vírus (logo, ter um teste positivo), mas o seu sistema imunitário reagirá mais rapidamente e com maior intensidade, impedindo a proliferação da infeção e o desenvolvimento dos sintomas graves.

Os desafios que se colocam às vacinas relacionam-se agora com a sua eficácia para as novas variantes. É possível que, tal como acontece por exemplo com a vacina da gripe, as vacinas da COVID-19 necessitem de atualizações frequentes que respondam às mutações do SARS-CoV-2. Até que se tenha mais conhecimento, a ciência e o bom senso parecem ser a nossa única arma.

Vacinas COVID-19

Ácido Nucleico	Vetor Viral	Vírus Inativado
 <p>Usa apenas uma secção de material genético viral, que fornece as instruções para elaboração de proteínas específicas, não o microrganismo inteiro.</p>	 <p>Usa um vírus seguro para entregar subpartes específicas - proteínas - do microrganismo de interesse para que ele possa desencadear uma resposta imunológica sem causar doenças.</p>	 <p>Usa um vírus responsável pela doença inativado, ou morto usando produtos químicos, calor ou radiação.</p>
 	   	
<p>BNT162b2 / COMIRNATY</p> <p>mRNA com nucleosídeo modificado</p>	<p>AZD1222</p> <p>Adenovírus de chimpanzé recombinante e não replicante, expressando a glicoproteína de superfície S do SARS-CoV-2</p>	<p>SARS-CoV-2 Vaccine (Vero Cell), Inactivated</p> <p>SARS-CoV-2 inativado, produzido em cultura de células (VERO)</p>
<p>mRNA-1273</p> <p>mRNA encapsulado em nanopartículas lipídicas</p>	<p>Ad26.COV2.S</p> <p>Adenovírus vetor recombinante e não replicante (Ad26) codificando a Proteína Spike (S) do SARS-CoV-2</p>	<p>Sputnik V</p> <p>Utiliza um Adenovírus humano com vetor</p>

Ler as mensagens de um século

POR: Goretí Matos, Docente de Física e Química

Revisitando a história dos vírus

Em 24 de março de 2020 assinalava-se mais um dia mundial da tuberculose, cerca de dez dias após Portugal ter implementado medidas de prevenção do contágio social por COVID-19.

A 25 de setembro do mesmo ano assinalava-se o dia mundial do pulmão, cerca de dez dias após o início do ano letivo.

Numa e noutra data, a vida de cada um parecia suspenso!

Como se a história nunca tivesse dado lições sobre falar, tossir, bocejar, espirrar, cantar... como veículos emissores de gotículas de vírus, bacilos, bactérias, ... (Fig 1).

A tuberculose, peste branca que ainda nenhum país conseguiu erradicar, e COVID-19 têm um denominador comum: o pulmão, onde ocorrem trocas gasosas entre vasos capilares e alvéolos pulmonares (Fig 2). Um vetor de transmissão também comum: gotículas exaladas por via respiratória.

Neste século, todos os sobreviventes [da tuberculose] são particularmente vulneráveis à Covid-19.

A história ressurge!

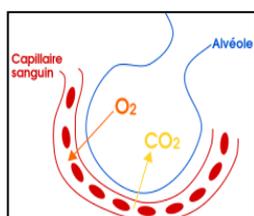


Fig 2 – Trocas gasosas

Sabemos ler as mensagens transportadas pelo tempo em cada tempo?

Em 1839 era batizada uma doença, tuberculose de seu nome.

Vivendo de perto o drama da doença, Almeida Garrett (1799-1854) deixa registo da tuberculose em *Frei Luís de Sousa*, 1844, na personagem Maria de Noronha. A doença, imparável, alastrava.

Mycobacterium tuberculosis, o bacilo responsável pela doença, só viria a ser isolado em 1882 por Robert Koch, prémio Nobel de Fisiologia ou Medicina, em 1905, por aquela descoberta. Ficaria também conhecido por bacilo de Koch.

José Tomás de Sousa Martins (1843-1897), médico e professor, destacou-se no combate à tuberculose, doença pulmonar da qual viria a ser acometido tal como muitos outros médicos em todo o mundo.

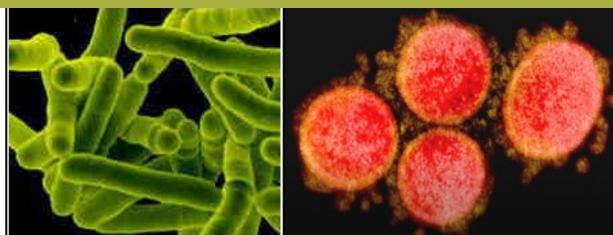


Fig 1 - (a) Bacilo de Koch, (b) SARS-CoV-2

Eça de Queirós (1845 - 1900) publica *Os Maias* em 1888, finais do século XIX. Era tempo de peste branca, um tempo em que a profissão de médico era considerada suja e indigna de um homem de bem. Apenas o avô de Carlos da Maia pensava diferente:

“- Ora essa! exclamou Afonso. E porque não há de ser médico a sério? Se escolhe uma profissão é para a exercer com sinceridade e com ambição, como os outros. Eu não o educo para vadio, muito menos para amador; educo-o para ser útil ao seu país...” . “(...) replicou Afonso da Maia. Num país em que a ocupação geral é estar doente, o maior serviço patriótico é incontestavelmente saber curar.”

Reynaldo dos Santos (1880 - 1970), médico, nascido há 140 anos sob o espectro da tuberculose, deixou-nos há meio século atrás. Numa escola que adotou o seu nome há 45 anos, aprender e ensinar a aprender é, certamente, também um “maior serviço patriótico num país em que a ocupação geral” das crianças e jovens é estar a estudar. É, também, desenvolver e praticar a arte de educar a população!

Em 1901, no 1.º congresso da Luta Nacional Contra a Tuberculose (LNCT), em Lisboa, destacavam-se três temas fundamentais:

- 1) a organização da luta antituberculose em Portugal;
- 2) questões de higiene e profilaxia;
- 3) questões de assistência, hospitalização e tratamento.

De acordo com Vieira¹, historiador e investigador português, vivia-se um tempo em que “a vulgarização de noções científicas e higiénicas era dificultada pelo problema de instrução popular, uma vez que o analfabetismo em Portugal era muito significativo e a predisposição da população para modificar hábitos arreigados era pouca.”

“A situação educativa da população portuguesa, tida como atrasada e decadente, constituía o maior entrave ao programa de erradicação da tuberculose, pelo que urgia educar os mais novos”.

No Portal de Saúde Pública² pode ler-se “A preocupação com a higiene pública e individual, evitando a disseminação da doença levou a que se tomassem algumas medidas tendentes a educar a população, na esperança de corrigir um velho mau hábito [que ainda hoje é prática] comum entre nós: cuspir no chão. Para isso, a 14 de Fevereiro de 1902, é lançado um edital assinado pelo Governador Civil de Lisboa, proibindo o escarrar ou cuspir fora dos escarradores próprios, sob pena de 500 réis de multa”. Campanhas de prevenção estenderam-se por todo o país (Fig. 3).

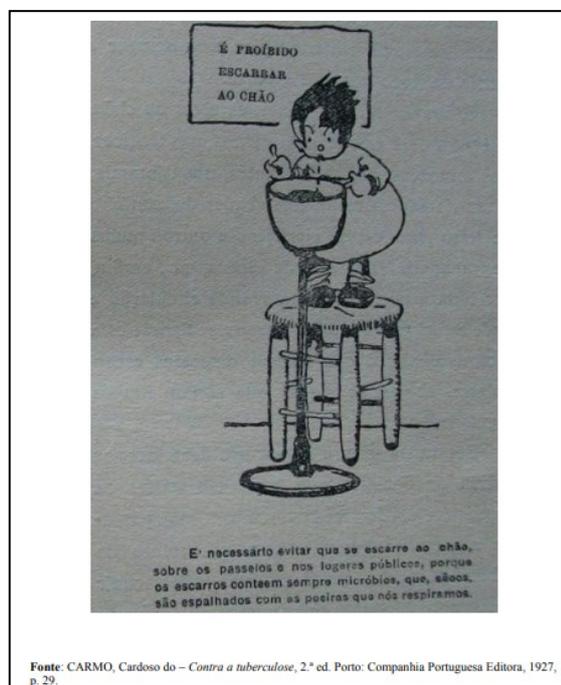


FIG. 3—CAMPANHA EDUCATIVA PELO USO DO ESCARRADOR.

Desenvolvida desde 1906, a vacina contra a tuberculose, conhecida por BCG, viria a ser aplicada em humanos apenas em 1921 – há um século!

Os relógios lentos do tempo eram outros, o tecido a cuidar e a preservar, a vida humana, o mesmo de hoje e de sempre!

Apenas em 1947, mais de meio século depois de anunciada a identificação do bacilo de Koch (24 de março de 1882), a descoberta da estreptomomicina, um antibiótico, permitiu tratar eficazmente a epidemia da peste branca, ou tísica pulmonar como também ficou conhecida a tuberculose.



FIG. 4—A FEBRE DAS ALMAS SENSÍVEIS

Uma viagem no tempo, com Isabel Rio Novo, em *A Febre das Almas Sensíveis*, publicado em 2018, levamos à memória da peste branca na primeira metade do século XX (Fig. 4). A tuberculose atirou famílias inteiras para sanatórios construídos para o efeito: minimizar e prevenir a transmissão do bacilo de Koch. Passado um século, sanatórios domésticos albergam famílias inteiras embrulhadas nos mesmos medos, agora sob o nome COVID-19!

Uma e outra epidemias alertam-nos para a consciência dos efeitos colaterais e de quão mortíferas podem ser as doenças respiratórias.

O *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, 1995, revela-se uma obra intemporal de uma história que se materializa sendo, agora, reescrita nos palcos do teatro do mundo inteiro. “a história da epidemia de cegueira branca que se espalha por uma cidade, causando um grande colapso na vida das pessoas e abalando as estruturas sociais”³. A história, usando palavras do autor⁴, “de 300 páginas de constante aflição, de uma longa tortura, de reconhecimento de que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso”. Uma história que vai alterando estados de lucidez e de capacidade de discernimento de uns e de outros. Uma história de agora, da qual urge encontrar o cão das lágrimas e a única mulher (do médico que não vê) que vê.

COVID-19, o Mal do Século XXI, tuberculose, o Mal do Século XIX: os mesmos desafios, tecidos e medos, as mesmas atitudes preventivas, o mesmo espectro humano e social!

Fontes documentais acedidas em outubro de 2020:

¹Vieira, Ismael Cerqueira - Conhecer, tratar e combater a «peste branca» A tisiologia e a luta contra a tuberculose em Portugal (1853-1975) [<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16672.pdf>], ISBN: 978-972-36-1498-5 (Edições Afrontamento), ISBN: 978-989-8351-47-0 (CITCEM).

²http://portal.anmosp.pt/TrabFrada/TBsecXX_JFrada.htm#1

³https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensaio_sobre_a_Cegueira

⁴<https://ensina.rtp.pt/artigo/ensaio-sobre-a-cegueira-o-romance-de-jose-saramago-em-exposicao/>

Associação de Pais e EE da Reynaldo

POR: Associação de pais e Encarregados de Educação da Escola Prof. Reynaldo dos Santos

Nós somos "Associação de Pais"!

As circunstâncias ímpares no corrente ano letivo (2020) acentuaram a importância de uma relação próxima entre os vários agentes da comunidade escolar. O ensino à distância, o teletrabalho, e a gestão de tempo em casa desafiaram todos a encontrar formas diferentes de apoiar a aprendizagem das nossas crianças e jovens. Aproximou pais e EE dos seus educandos, exigindo-lhes tempo e dedicação muitas vezes difícil de conciliar com o seu trabalho. Colocou nos professores uma maior responsabilidade de ensinar à distância apelando ao apoio de todos os intervenientes, para que a aprendizagem continuasse a ser bem sucedida. Mostrou a importância de estarmos todos comprometidos e sintonizados pelo ensino das nossas crianças e jovens.



**Associação de Pais
e Encarregados de Educação**

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA
PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS
VILA FRANCA DE XIRA





Esta é uma missão de todos. É também a missão de pais e EE que, de forma organizada (como sucede através das associações de pais) partilham as suas preocupações, contribuem para uma escola dinâmica e centrada nos alunos.

As APEE representam todos os Pais e EE, todos os alunos e alunas. Reunimos para discutir assuntos que são do interesse de todos. Para procurar soluções. Para levar à Direção e ao agrupamento as nossas sugestões. Com representação no Conselho Geral, nele podemos ser auscultados e contribuir para a votação e implementação de medidas científico-pedagógicas, institucionais e sociais que têm um

impacto no funcionamento da escola, na vida escolar e na aprendizagem dos nossos educandos.

Mais do que nunca, percebemos que agir em comunidade é fundamental. Sabia por exemplo que:

A APEE da Escola Básica Dr. Sousa Martins é responsável pelo ATL do pré escolar e 1º ciclo? Participou voluntariamente na 1ª semana de regresso à escola para ajudar na receção das crianças mantendo várias atividades destinadas às mesmas, mesmo em ano de pandemia?

A APEE da Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos desenvolveu um guia orientador, que reúne a informação relevante para Pais, EE e representantes de pais, disponível em <http://www.aeprs.pt/ee.html>, tendo promovido uma reunião geral dirigida a todos e à totalidade das turmas da escola?

Por isso precisamos de si. Pai, Mãe, Encarregado de Educação.

Precisamos de associados que apoiem as Associações de Pais.

Que partilhem mais ideias, mais soluções.

Faça isso pelo seu filho/educando.

Afinal, nós somos todos “Associação de Pais”!



Conversando com Edite Borges

POR: Isabel Sousa e Maria João Cruz, Equipa Magazano

Uma assistente operacional dedicada às crianças com autismo

Nesta edição da Magazano, dedicada à educação inclusiva, também quisemos saber como a Escola lida, fora da sala de aula, com jovens que sofrem de diversas patologias clínicas e como foi a sua integração durante os meses de pandemia Covid-19. Para obtermos as respostas pretendidas, no dia 13 de julho de 2021 conversamos com Edite Borges, a Assistente Operacional que há vários anos acompanha estas e estes jovens, ouvindo-as(os) e cuidando de todas(os), construindo uma grande família de que a Reynaldo se orgulha.

Fomos encontrá-la no 2.º piso do Bloco A, na sala Dra. Anabela Silva, afeta ao Ensino Estruturado, onde estão, entre os mais diversos objetos e materiais didáticos, as fotografias de todos os meninos e de todas as meninas que frequentam esta modalidade de ensino na Escola Reynaldo dos Santos.

Magazano (M)> D. Edite, em que consiste a sua atividade de acompanhamento dos jovens com medidas adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão, que frequentam aqui as Áreas Complementares à Turma (ACT)?

D. Edite Borges (EB)> De manhã, vou buscá-los ao portão e acompanho-os até à sala. Quando precisam de ir à casa de banho, também acompanho alguns

porque outros já não precisam que os leve, pois foram aprendendo a ser autónomos. Também os levo a almoçar. À tarde, encaminho-os até ao portão da escola e acompanho-os ao táxi, para irem para casa. Este é o meu trabalho normal.

Mas, como lido com eles todos os dias, já consegui que dois deles fizessem o trajeto desde o portão até à sala, sozinhos.



EDITE, NUMA IMAGEM CAPTADA POR DISCENTES DA UNIDADE DE ENSINO ESTRUTURADO, NUMA SESSÃO FOTOGRÁFICA COM “MODELOS” CONVIDADAS PELAS ALUNAS.



D. EDITE NA SUA SALA DE TRABALHO.

Nos primeiros dois dias, ficava ao pé do auditório a controlá-los de longe mas, ao terceiro dia, já tinham autonomia suficiente para virem para a sala sem mim.

M> Tem encontrado algumas dificuldades no seu trabalho?

EB> Não, não tenho. O meu trabalho é mais de acompanhamento, pois são as técnicas e as educadoras que trabalham a parte educativa com eles.

M> E relativamente a estes alunos e alunas, como é lidar com eles todos os dias?

EB> Eu gosto. É muito agradável e compensador acompanhar estes alunos. São muito afetuosos, embora haja momentos em que alguns podem estar mais agitados, derivado das suas situações problemáticas. Mas geralmente consigo lidar bem com eles e, quando tive de faltar, eles notaram logo e disseram-me depois que eu tinha faltado...

M> Que importância atribui ao afeto, neste tipo de acompanhamento?

EB> O afeto é muito importante. Em certas situações, em que eles estão mais instáveis, eu vou ter com eles e passo-lhes a mão na cabeça e eles acalmam. Eles são afetuosos e como eu também sou, lidamos

bem com isso.

M> Sente necessidade de formação para prestar o acompanhamento a estas e a estes alunos?

EB> A formação poderá ajudar, mas não sinto muita falta, porque tenho aprendido a lidar com eles no dia a dia. O contacto diário com estes alunos tem-me ajudado muito a encontrar o modo certo de resolver as várias situações que se vão vivendo com eles.

Eles são todos diferentes e é no contacto que vamos tendo que se vai percebendo como cada um é e a forma mais adequada a cada caso.

M> Com a pandemia, o que é que mudou no acompanhamento destes alunos e alunas?

EB> Mudou tudo. Antes, nós levávamos os alunos para fora da sala para terem contacto com outros alunos da escola, para poderem socializar um bocadinho. Com a pandemia, eles já não saíam; uns porque não tinham autorização dos pais e outros porque só queriam estar aqui dentro, onde se sentiam melhor e mais protegidos. São alunos que não se conseguem ligar bem a outros alunos que não conhecem, têm muita dificuldade em comunicar e preferem estar aqui no seu cantinho. Essa parte tem sido a mais difícil.

M> Sente que o seu trabalho é reconhecido pela comunidade escolar e pelos encarregados e encarregadas de educação?

EB> Não sei. Sei que os alunos reconhecem o meu trabalho. Eles pedem-me para estar com eles e quando regressam de casa vêm ter comigo e mostram o contentamento por me ver. Com os pais, também sinto que há reconhecimento, porque quando encontro os miúdos na rua com os pais, eles falam-me e depois oiço os pais perguntarem-lhes se é esta a senhora que os acompanha na escola, pelo que sinto que em casa eles falam de mim.

Eu também me sinto bem com eles e gostaria de continuar aqui enquanto estiver na Escola.



A ENTRADA DA ESCOLA ONDE, DIARIAMENTE, EDITE BORGES ESPERA O GRUPO DE JOVENS COM QUEM PARTILHA O DIA.

Engenheiras por um dia

POR: Isabel Costa, Docente de Física e Química

Quarta edição do projeto

O projeto “Engenheiras por um dia” encontra-se na 4ª edição e o AEPRS orgulha-se de estar presente desde o 1º momento. A finalidade deste projeto é prevenir o eventual agravamento das disparidades entre mulheres e homens, quanto a oportunidades profissionais, de carreira, de rendimentos e de possibilidades de ascensão a cargos de decisão.

As profissões associadas às engenharias e às tecnologias têm evoluído de forma muito positiva quando falamos de remunerações e de rendimentos, de possibilidades de carreira e de potencialidades de inovação e de progresso para a economia. Contrariamente a esta tendência, a percentagem de mulheres que frequentam os cursos de engenharia e tecnologias tem evoluído de modo negativo e preocupante. Embora o projeto seja especialmente dirigido para as raparigas o nosso Agrupamento tem incluído os rapazes proporcionando-lhe a oportunidade de abraçar projetos existentes na escola como seja o “Agulha e Dedal” de forma a diminuir a segregação sexual das ocupações profissionais.

No contexto da Pandemia foi necessário adaptarmos aos sinais dos tempos. Visitas que eram a *campus* universitários ou a empresas transformaram-se em visitas virtuais e as conferências e debates presenciais em *workshops online*. Mesmo assim, o 11º A e B, estiveram presentes acompanhando os trabalhos “*Women in Tech*”. Desses trabalhos salientamos:

Dia 11 de março, no *Workshop*: “As Mulheres na Inteligência Artificial”. Esta sessão, que assinala o Dia Internacional das Mulheres, contou com a participação de Catarina Silva, investigadora e professora de Engenharia Informática na Universidade de Coimbra,



CICLO DE WORKSHOPS RAPARIGAS NAS ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS

EM BREVE
MAIS DETALHES!

Fevereiro

11 Fevereiro

Manhã: Dia das Raparigas na Ciência: Engenharia é Ciência?

Tarde: Um pequeno passo para as Mulheres, um grande passo para a Humanidade

Março

11 de Março

As Mulheres na Inteligência Artificial.

23 de Março

O Teu Futuro: Que Profissão Escolher?

Abril

9 de Abril

Conversas de Outro Mundo: As Mulheres e o Espaço

22 de Abril

Dia Internacional das Raparigas nas TIC: Raparigas na Engenharia e Tecnologia: É a Tua Vez!

Maio

28 de Maio

Dia Nacional da Energia

VIA ZOOM ou facebook CIG

MAIS INFORMAÇÃO:

engenheirasporumdia@appdi.pt

910047181 / 910174005

ENGENHEIRAS POR
1 DIA
Para experimentar toda a vida



Sara Oliveira, *Director of Customer Experience & Strategy* na *Defined Crowd*, e Ana Carolina Almeida, *Head of Data Management e Quality & Customer Insights* na *Vodafone*. A moderação foi a cargo de Beatriz Maio Santos, especialista em digital e membro das *Women in Tech*.

Dia 28 de maio no âmbito do “Dia Nacional da Energia”, com a participação de Thaís Theodoro, EDP, Sara Silva, REN, Fernanda Santos, Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), e Bárbara Lopes, Águas de Portugal. A moderação ficará a cargo de Ana Batalha, jornalista no *Jornal de Negócios*.

Reforçando os trabalhos do projeto e dentro dos seus objetivos, a disciplina de Física e Química A tem sido lecionada recorrendo, sempre que possível, a exemplos no feminino.

Concluindo, podemos ainda congratularmo-nos com a excelente orientação profissional que, transversalmente, o projeto nos tem proporcionado.

Maratona de cartas

POR: Margarida Lopes, Coordenadora do Projeto Escolas Amigas dos Direitos Humanos

Assinar pelos direitos humanos

À semelhança dos anos letivos anteriores, decorre este ano, entre novembro de 2020 e janeiro de 2021 no Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos, em Vila Franca de Xira, a Maratona de Cartas, uma atividade promovida pela Amnistia Internacional, uma “corrida” exemplar de ativismo e solidariedade.

O nosso agrupamento de escolas está integrado no projeto Escolas Amigas dos Direitos Humanos de cujo grupo fazem parte dez escolas de norte a sul do país. Como tal, sentimos a enorme responsabilidade de fazer passar esta mensagem que tem como objetivo envolver toda a comunidade educativa e para além dela, famílias, amigos, conhecidos, na divulgação, reconhecimento e defesa dos casos que são escolhidos ano a ano, para esta maratona.

Nesta edição, os casos escolhidos percorrem, como é habitual, locais do planeta onde as violações dos direitos humanos têm consequências diretas bastante graves na vida dos ativistas e das ativistas que são, como sempre, os nossos “Brave”.

German Rukuki do Burundi, Nassima AISada da Arábia Saudita, Paing Phyo Min de Myanmar, o grupo de 3 ativistas El Hiblu 3 de Malta e o grupo de solidariedade da Turquia, na defesa da comunidade LGBTI+, são os escolhidos deste ano.

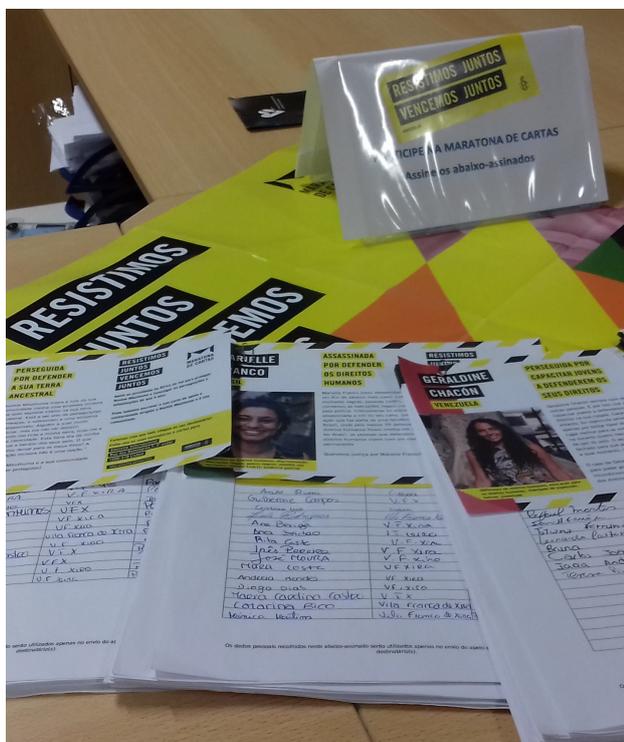
A dinamização deste processo na Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos é feita por um grupo de alunos e alunas que divulgam e apresentam os vários casos, levando-os às turmas, à sala dos professores e à Biblioteca, mas também às respetivas famílias e núcleos onde se movimentam.

Este ano, como já aconteceu no ano anterior, as assinaturas são feitas *on.line*, no site da Amnistia, onde cada escola que integra o projeto tem um código associado, numa perspetiva de concurso entre as várias escolas, lançando um desafio interessante, que fomenta a participação.

Na presente situação, devido às restrições impostas pela pandemia, a divulgação foi feita também num espaço de *écran*, que divulga atividades da escola, bem como na página *on.line* do agrupamento e, como sempre, através de cartazes, espalhados pelo espaço escolar.

Pela minha experiência, enquanto Coordenadora do Projeto, registo sempre, com enorme agrado, o entusiasmo do grupo envolvido. A Maria do Carmo Rosa participou em várias maratonas e são dela estas palavras: “Ao fim do dia, a olhar para as petições cheias de assinaturas, senti a importância do que tinha feito. Estava apenas a usar a minha voz, mas desta vez para contar a história de quem precisava de ser ouvido e fazer a diferença”. A Inês Canteiro, que entrou este ano no grupo, dá o seu testemunho enquanto observadora: “É incrível como a Maratona de Cartas é uma maneira tão simples, mas tão eficaz, de fazer com que a nossa voz seja ouvida, para ajudarmos aqueles cujos direitos foram ignorados.” A Matilde Moura reitera estas opiniões: “Por vezes pensamos que as nossas simples ações não são de todo importantes, mas a verdade é que podem mudar o mundo.

”Haverá algo mais gratificante do que saber que também fazemos a diferença?”



ALGUMAS DAS INÚMERAS CARTAS ESCRITAS POR ELEMENTOS DA COMUNIDADE EDUCATIVA DO AGRUPAMENTO PROF. REYNALDO DOS SANTOS REVINDICANDO A DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS.

Somos uma escola que ajuda

POR: Teresa Pinto, Coordenadora do Clube Helpo da Reynaldo e discentes do Clube Helpo: Afonso Almeida, Cláudia Oliveira, Madalena Oliveira, Rita Afonso.

O grupo Helpo da Reynaldo apela à solidariedade

O Agrupamento de Escolas Prof. Reynaldo dos Santos tem um grupo|clube HELPO que já vai entrar no seu 4.º ano de atividade. Desde o início que amadrinhamos/apadrinhamos a escolinha de Mahunha no distrito de Murrupula, Nampula (Moçambique), para além de contribuirmos com campanhas várias para melhorar a vida e proporcionar a frequência de escolas às crianças dos distritos mais pobres do norte de Moçambique, bem como apoiar o trabalho que a ONG HELPO desenvolve em Portugal .

A ONG Helpo realiza uma campanha de angariação de fundos em diversas lojas Pingo Doce, em todo o país. Com o mote “Sem escola a infância pesa mais”, a campanha convida a população portuguesa a contribuir com 1, 3 ou 5 euros, que permitem comprar lanches, mochilas e manuais escolares, para tornar mais fácil a educação das crianças moçambicanas.

Atualmente, a Helpo lançou uma campanha de emergência para responder à tragédia humana vivida pelos deslocados internos, que fugiram dos ataques armados no Norte de Moçambique. É preciso estender a mão, com a ajuda de todos/as, a cerca de 4 mil novas crianças em idade escolar, que fugiram para 6 das comunidades onde a Helpo está presente. Nas comunidades mais pobres do norte de Moçambique, um simples lanche distribuído na escola, pode ser o incentivo necessário para levar uma criança às aulas diariamente. A partir da 8ª classe, é comum não existir um único manual escolar, nem sequer para o professor. Nestas comunidades, onde muitas crianças têm de fazer vários quilómetros a pé para chegar à escola, uma mochila pode fazer toda a diferença.

A Helpo tem apoiado com alimentos, roupa e material escolar várias aldeias e instituições sociais em Cabo Delgado que estão a receber deslocados internos, e tem em curso um plano de ação de emergência junto destas pessoas, que fogem dos ataques armados, e que se materializa no apoio a crianças, grávidas e lactantes através de rastreios e acompanhamento nutricional e kits de sobrevivência, (bens alimentares, utensílios de cozinha, material de higiene e roupa) para cada agregado familiar.

Convidamo-lo(a) a ler o plano de intervenção da Helpo no apoio aos deslocados internos. Poderá saber mais informações em:

<https://helpo.pt/pt/news/deslocados-internos-em-mocambique-plano-de-intervencao-helpo>

Pintar em Moçambique com a Helpo

Durante parte do ano 2019/2020, devido às restrições da Covid-19, ficámos um pouco condicionados/as na elaboração de projetos; no entanto, continuámos com bastantes planos e ideias a desenvolver. Por exemplo, foram realizados projetos como a execução de livros de pintar e a escrita de cartas que foram entregues à HELPO para dar à escolinha de Mahunha.

Esperamos que, mesmo neste ano atípico, tenhamos continuado a poder ajudar estas crianças e a distribuir sorrisos, fazendo com que estas sejam mais felizes e possam prosseguir com os seus estudos em condições.



LIVROS PROJETADOS E EXECUTADOS POR DISCENTES DO CLUBE HELPO DA REYNALDO, OFERECIDOS ÀS CRIANÇAS DA ESCOLA DE MAHUNHA, EM NAMPULA (MOÇAMBIQUE).

A associação Helpo é uma ONG que desempenha a sua atividade desde 2008 em Portugal e nos PALOP para a promoção do desenvolvimento através da educação e da nutrição. Apostamos na melhoria das condições de vida das crianças e do ambiente em que vivem, para que beneficiem de desenvolvimento e dignidade. A Reynaldo apadrinhou a escola de Mahunha, em Moçambique, e realizou diversas campanhas e bancas, com o intuito de angariar dinheiro e materiais que lhes possam ser úteis.

Ao longo do ano letivo visitámos turmas de diversos anos de escolaridade, dando a conhecer o projeto, lendo a carta que recebemos da escolinha de Mahunha. Fizemos uma angariação de fundos e recolhemos livros e materiais escolares que foram levados para a sede da Helpo, que os envia para as crianças da escolinha.

DOIS ASPETOS DAS BANCAS ONDE DISCENTES QUE INTEGRAM O CLUBE HELPO DA REYNALDO VENDEM PRODUTOS CONFECIONADOS POR SI E PELAS SUAS FAMÍLIAS (À DIREITA) E LIVROS USADOS (EM BAIXO), PROVENIENTES DE CAMPANHAS DE RECOLHAS ANTERIORMENTE REALIZADAS, A QUE SE SEGUIRAM PROCESSOS DE TRIAGEM, CATALOGAÇÃO, DEFINIÇÃO DE PREÇÁRIO E ELABORAÇÃO DA RESTANTE LOGÍSTICA INERENTE À MONTAGEM DAS BANCAS.

OS VALORES ANGARIADOS SÃO, POSTERIORMENTE, ENTREGUES À ONG HELPO A FIM DE SEREM ENCAMINHADOS PARA OS SEUS DESTINATÁRIOS.



Diretor da Reynaldo fecha um ciclo

POR: Isabel Sousa e Maria João Cruz, Equipa Magazano

Entrevista ao Diretor Eurico Valente

O Professor Eurico Valente foi o Diretor do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos nos últimos quatro anos (2017-2021). Terminado o seu mandato, aceitou partilhar com a Escola e com os leitores e as leitoras da Magazano o balanço que faz dos anos em que dirigiu as quatro Escolas que constituem este Agrupamento, juntamente com a sua equipa, como faz sempre questão de referir.



DIRETOR EURICO VALENTE.

Magazano (M)> Quando foi eleito para o cargo de Diretor, em Agosto de 2017, apresentou-nos as principais linhas de orientação do seu projeto, dando especial ênfase ao sucesso educativo dos alunos e das alunas e às questões da indisciplina, que se verificavam no meio escolar. Passados estes 4 anos, e no que diz respeito a estas duas linhas orientadoras, que resultados obteve?

Prof. Eurico Valente (EV) > Foram 4 anos em que houve um grande empenho, uma grande dedicação e que muito contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional. Foram, de facto, 4 anos em que eu e a minha equipa abraçámos com grande empenho todas as iniciativas e que pusemos em prática o novo projeto educativo deste agrupamento. É verdade que uma das grandes preocupações passava pela indisciplina, mas também pelo sucesso escolar dos nossos alunos e das nossas alunas e é verdade que assistimos a uma melhoria. Basta dizer que temos zero de abandono escolar, o aproveitamento dos nossos alunos e alunas conheceu, também, uma melho-

ria, apesar das grandes vicissitudes e dos grandes constrangimentos que encontramos; mas isto deve-se, sobretudo, a todo o pessoal docente e não docente e também ao apoio da restante comunidade escolar e ao apoio das famílias. É verdade que a pandemia, nestes dois últimos anos, foi um grande sobressalto que tivemos de enfrentar. Foram momentos difíceis mas também nos permitiram abrir as portas para a implementação de outras estratégias, que contribuíram também para a melhoria do trabalho desenvolvido entre professores/as e alunos/as.

Portanto, poderei dizer que parto com o sentimento de dever cumprido; penso que mais poderia ter sido feito, mas também é verdade que, com o apoio de toda a comunidade escolar, docentes e discentes, fizemos uma caminhada em prol do sucesso escolar dos nossos alunos e das nossas alunas, do seu aproveitamento.

M> Considera que concretizou todas as expectativas que trazia, quando iniciou as suas funções? Nesse sentido, que balanço faz destes quatro anos de mandato?

EV> Considero que sim, apesar destes constrangimentos, principalmente os da pandemia, as expectativas foram concretizadas. Enfrentámos várias situações, como uma descentralização das competências que dizem respeito ao pessoal não docente, em que algumas áreas passaram para a Câmara Municipal; enfrentámos o descongelamento da carreira docente e de todas as progressões de pessoas que estavam já há muitos anos no mesmo escalão. São muitos desafios que não estavam inicialmente consignados para além de muitas outras coisas que tivemos que fazer: melhorámos a comunicação interna e externa do agrupamento; criámos um novo site, criámos a newsletter do agrupamento, implementámos o Inovar, que não existia, pois tínhamos o JPM; implementámos o Teams, porque o que nós utilizávamos era o básico do Office 365, e as suas valências estavam

muito aquém daquilo que podíamos desfrutar.

Implementamos tudo isto com o apoio das várias equipas e do pessoal docente e não docente. O Regulamento Interno, por exemplo, foi organizado e atualizado, porque não estava; foi elaborado um novo Projeto Educativo; depois, preocupados com a necessidade de apoiar os alunos e as alunas, criámos o Centro de Apoio à Aprendizagem; se calhar, pode-se fazer mais, mas estamos a caminhar e vamos melhorando.

Criámos o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, que se antecipa a questões como o abandono escolar, trabalhando com os alunos e as alunas e com as famílias no sentido de ver quais as melhores opções para que, efetivamente, não exista esse abandono.

Assegurámos a distribuição de computadores com pessoal docente e não docente, cuja logística foi uma coisa impressionante. Neste momento, estamos a elaborar o Plano de Ação de Desenvolvimento Digital para o Agrupamento.

Tivemos um conjunto de situações com as quais não contávamos, mas foi um grande desafio e isso tudo só foi possível graças a uma equipa coesa como a



EURICO VALENTE NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA REYNALDO.

nossa, que enfrentou desafios enormes; por exemplo, tivemos que implementar em tempo record o arranque das aulas, que eram presenciais, para ensino a distância e isto só foi possível graças ao envolvimento de todo o corpo docente. Também tivemos que fazer vários planos de contingência, onde o que é hoje amanhã já não é, porque as questões da pandemia iam mudando.

M> Sentiu-se apoiado pelas comunidades escolar e educativa? De que forma?

EV> Indiscutivelmente. Comecei por dizer que, para mim, foi um grande crescimento pessoal e profissional e, de facto, tudo isso foi possível graças ao grande apoio que toda a comunidade educativa deu, desde a minha equipa da direção, ao conselho pedagógico e às várias equipas envolvidas no Regulamento Interno, no Projeto Educativo, na Autoavaliação do Agrupamento, nos horários e a todas as outras.

A nível externo também; com a autarquia temos excelentes relações, com as associações de pais e com os outros diretores dos vários agrupamentos do concelho também são excelentes. De facto, temos uma excelente relação porque houve aqui sempre um trabalho em rede que, quando um tinha uma dificuldade ou um pequeno problema, imediatamente nos ajudávamos e isso foi muito bom. Com o Centro de Formação, a relação também foi excelente.

Foram 4 anos muito ricos e gratificantes, que não posso esquecer e que voltaria a fazer, apesar de estar a fechar este ciclo.

M> Na sua perspetiva, que contributo deixa para a história da Escola Reynaldo dos Santos, que já conta com 45 anos, e para a deste Agrupamento, que também já soma 14 anos de existência?

EV> Gostava de ficar registado, enquanto diretor, como uma pessoa que se envolveu de corpo e alma neste agrupamento, onde pôs em primeiro lugar o superior interesse dos nossos alunos e alunas e que procurou encontrar as melhores soluções, tendo sempre presente a tolerância, a compreensão entre corpo docente, corpo não docente, discentes e encarregados de educação, desenvolvendo uma gestão de afetos, porque reconheço que o local onde professores e alunos/as passam a maior parte do tempo é aqui na escola e este ecossistema tem de funcionar muito bem e as pessoas sentirem-se bem. É, portanto, isto que levo comigo e penso que fiz o meu melhor e depois a história irá julgar esse contributo.

M> Muito obrigada, Eurico Valente!

Novo Diretor da Reynaldo

POR: Isabel Sousa e Maria João Cruz, Equipa Magazano

Entrevista ao Prof. Luís Fernandes

Numa manhã bastante quente, de julho de 2021, a Magazano conversou com o novo Diretor do Agrupamento de Escolas Professor Reynaldo dos Santos - Luís Alberto Fernandes - que, apesar de bastante atarefado com a logística própria de quem entra pela primeira vez num agrupamento com o propósito de o gerir, ainda encontra alguns minutos para responder às nossas perguntas. Fala com cordialidade, compreendendo a curiosidade que nós e os leitores da revista sentimos, em saber algo mais sobre o profissional que vem para “Terras de Cira” com a responsabilidade de continuar a escrever a história deste Agrupamento.



PROF. LUÍS FERNANDES, ATUAL DIRETOR DO AGRUPAMENTO PROF. REYNALDO DOS SANTOS.

Magazano (M)> Em primeiro lugar, gostaríamos de o cumprimentar e de lhe desejar as maiores felicidades no desempenho desta sua nova função. Neste sentido, teríamos muito gosto em que se apresentasse às comunidades escolar e educativa, dizendo algumas palavras sobre quem é o cidadão Luís Alberto dos Santos Fernandes.

Prof. Luís Fernandes (LF)> Iniciei a atividade há 36 anos e sou professor do quadro há 30, desde 91. Comecei pelo secundário, percorri os ciclos todos e há 5 anos decidi fazer nova profissionalização no 2.º ciclo porque estava em vias de ficar fora do ensino, e desde há 5 anos que estou no 2.º ciclo. Em termos de carreira profissional, passei já por todos os cargos, e em princípio irei terminar a carreira neste cargo. Sou de Leiria, é longe, mas foi também uma opção; sou casado e tenho dois filhos.

M> O que o motivou a candidatar-se ao cargo de Diretor no Agrupamento Reynaldo dos Santos?

LF> A candidatura a diretor foi uma opção profissional; eu achei que já tinha desempenhado os cargos todos e, então, iria candidatar-me a este, porque isso me despertou alguma curiosidade, alguma vontade, quando acompanhei, na escola anterior, no cargo de Presidente do Conselho Geral, a Diretora em exercício e, depois, impulsionado por ela e como também trabalhei muito bem de perto com ela, ao fim e ao cabo isso despertou mais a minha confiança.

Em consequência, fiz o estudo, um *raid*, e Vila Franca estava nesse *raid*. Ocorreu o concurso e, como nunca gostei de escolas pequenas, concorri a esta; as escolas grandes, para mim, são projetos desafiantes.

Na altura concorri aqui e a Pontével, que era uma escola pequenina, o resultado saiu exatamente no mesmo dia, estava o concurso a decorrer aqui e lá. Aqui aceleraram mais o processo e foi uma opção que tomei. Quando decidi concorrer a diretor tinha a consciência que este ano era aquele em que havia mais hipóteses de concurso porque terminava o ciclo de 4 anos em muitos agrupamentos. Assim, eu tinha a noção de que este era o ano ideal e, para mim, também só me interessava entrar este ano porque, se tudo correr bem, o primeiro mandato são 4 anos e com a recondução ao segundo, terminaria esta etapa; faltam-me 8 anos para terminar a carreira.

Vou e venho todos os dias de Leiria; em princípio irei fazer a viagem de comboio porque no Intercidades são 50 minutos. É um desafio, porque também já estava na mesma escola há 14 anos.

M> Quais são as principais linhas de orientação do seu projeto?

LF> É um projeto alicerçado na partilha e numa liderança partilhada porque, segundo a minha ideologia, o diretor por si, sozinho, não consegue fazer nada, ou seja, é fundamental que ele tenha as estruturas inter

médias e trabalhar com elas em sintonia, porque só assim ele consegue traçar as linhas do Agrupamento, apesar de neste caso já estarem definidas; mas, para entrarmos nelas e as fazermos funcionar, não pode ser o diretor sozinho a decidir; ele tem de saber partilhar e saber ouvir. É essencial partilhar e ouvir; o Diretor não irá tomar todas as decisões corretas, mas deverá tomar as decisões com o maior suporte de todas as estruturas. Isto foi o que eu defini na minha candidatura.

M> Quer partilhar com os leitores e as leitoras da Magazano as expectativas que tem para o desempenho deste cargo?

LF> Ora bem, é a primeira vez que eu estou neste cargo; as expectativas que tenho são, em primeiro lugar, ser um diretor que se identifique com a comunidade escolar e educativa; para mim, isso é fundamental; eu nunca serei um bom diretor se não vestir a camisola do agrupamento. Isto é uma expectativa que trago e que penso que está a ser criada. Eu sei que a imagem do agrupamento vai sempre cair sobre mim. Os encarregados de educação, quando alguma coisa não corre bem, não é ao professor, mas é à escola que pedem responsabilidades. O diretor tem de ser o rosto do agrupamento; tem de criar essa imagem para depois a saber usar.

Depois, há também a expectativa em relação aos nossos jovens; temos uma população diversificada, o que já era visível no vosso projeto educativo; quando o estudei para fazer a minha candidatura, era visível que já havia uma população muito heterogénea; então outra expectativa é saber responder à diversidade que existe no agrupamento.

E tenho a mesma expectativa em relação à classe docente, somos muitos, somos cerca de 140 e de-



A EQUIPA LIDERADA PELO DIRETOR LUÍS FERNANDES (AO CENTRO) É CONSTITUÍDA POR HELENA CRUZ, CARLOS MARTINS, JOSÉ LIMA E FILOMENA AZEVEDO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA).

pois há que tentar que o pessoal docente, bem como o não docente, se identifiquem comigo, para que o êxito seja sempre em prol do melhor para o agrupamento.

M> Tem alguma questão ou assunto que considere relevante referir neste momento em que se prepara para iniciar o seu novo projeto neste Agrupamento?

LF> São estas as linhas a longo prazo que estão agora a começar a germinar. Há vontade, há determinação e muito trabalho agora no início, para pôr tudo a funcionar e responder às constantes solicitações.

E uma coisa que eu gostaria de deixar claro e já ontem tive oportunidade de o dizer no Conselho Pedagógico, é o modo como a passagem da direção cessante para a direção nova está a ser feita e a maneira como eu próprio, sendo externo, fui acolhido na comunidade educativa; os contactos que já tivemos com a Câmara foram excelentes.

M> Obrigada. Votos de muito sucesso!



PÁTIO INTERIOR DA ESCOLA PROF. REYNALDO DOS SANTOS, UM DOS MUITOS ESPAÇOS ONDE CONTINUARÁ A DECORRER A HISTÓRIA DESTA AGRUPAMENTO.

Plano Individual de Transição

POR: Rosa Casquinha, Técnica Superior de Mediação Social

Em tempo de pandemia, uma escola para todos(as)

Uma escola inclusiva é muito mais que uma escola que executa as medidas legisladas e obrigatórias de apoio à pessoa com deficiência. É uma escola que para planificar e operacionalizar um programa destinado a jovens com necessidades educativas especiais (NEE) em primeiro lugar **conhece-os**, seguidamente **compreende-os** e, por fim, **adapta-se às suas necessidades**, potenciando o seu desenvolvimento e a sua integração na vida ativa.

Plano Individual de Transição (PIT)

O que é?

É um instrumento fundamental para planear e preparar os alunos e as alunas para a pós-escolaridade obrigatória, com uma intervenção adaptada a cada situação, que vá ao encontro das necessidades e expectativas, no respeito pela individualidade de cada discente.

No desenvolvimento do PIT, para além das experiências dentro da escola, o proporcionar experiências fora da escola implica, à priori, o estabelecimento de parcerias, o envolvimento da escola com essas entidades e, conseqüentemente, a criação de uma rede de entidades parceiras da escola.

É importante que a escola consolide e fidelize a cooperação com essas entidades da comunidade, favorecendo a transição para a vida pós-escolaridade obrigatória dos seus alunos e das suas alunas, estando a contribuir não só para uma solução particular de determinado discente, mas criando uma rede de entidades de acolhimento para todo os alunos e alunas da escola.

Serve para:

- Desenvolver competências pessoais e sociais, proporcionando e diversificando experiências em contexto escolar, social e comunitário, que promovam a autonomia e a autodeterminação.
- Proporcionar experiências vocacionais e profissionais, em contexto real de trabalho, que permitam a transição para a vida pós-escolar e, quando possível, para o exercício de uma atividade profissional.

Entre esta diversidade de vivências destaco as experiências vocacionais e profissionais visando o exercício de uma atividade profissional, promovidas na Escola Reynaldo dos Santos.



ALUNO A DESENVOLVER UM PIT NA REPROGRAFIA DA ESCOLA
PROFESSOR REYNALDO DOS SANTOS.

Em termos práticos, felizmente, há muito tempo foi abandonada a perspetiva de que um(a) aluno(a) com Necessidades Educativas Especiais (NEE) perturba o bom funcionamento das aulas; muito pelo contrário, acrescenta uma perspetiva diferente a ser integrada.

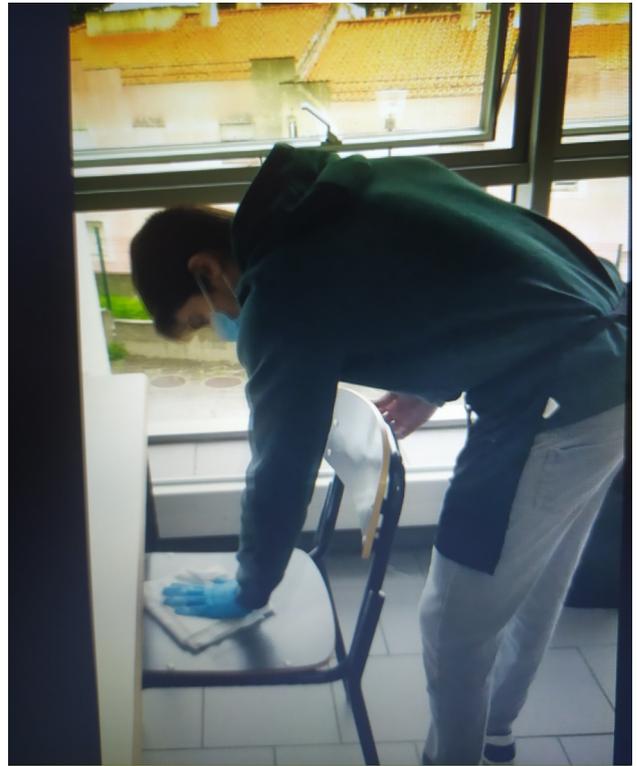
Assim, a capacidade de o professor ou a professora planificar para toda a turma, implica também alterar a planificação em função das situações que surjam (respostas e dúvidas de discentes, independentemente de terem NEE ou não), ou seja a capacidade que tem de descentrar a aula da sua figura para orientá-la para o sucesso educativo de todos os presentes. Os alunos/as alunas devem aprender juntos e só assim a inclusão passa de conceito a realidade.

À escola compete dar uma oportunidade educativa de qualidade, respeitando as diferenças individuais e procurando formar cidadãos e cidadãs de pleno direito. A escola inova quando compreende este desafio e dispõe de instrumentos para intervir adaptada e adequadamente.

Um desses instrumentos é o Plano Individual de Transição (PIT).



REPOSIÇÃO DE PRODUTOS NAS PRATELEIRAS DE UM ESTABELECIMENTO COMERCIAL DA COMUNIDADE EDUCATIVA (EM CIMA).



ALUNO DESEMPENHANDO UMA ATIVIDADE NO BAR DA ESCOLA, NO ÂMBITO DO DESENVOLVIMENTO DO SEU PIT (EM CIMA).



ATIVIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE PLANOS INDIVIDUAIS DE TRANSIÇÃO: ALUNO NUM ESTABELECIMENTO HOTELEIRO DA COMUNIDADE EDUCATIVA (EM CIMA) E ALUNO A ORGANIZAR UM DOSSIER NA REPROGRAFIA DA ESCOLA REYNALDO DOS SANTOS (À ESQUERDA).

Experiências dentro da escola:

- Loja do Aluno da Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos;
- Bar da Escola Básica e Secundária Professor Reynaldo dos Santos;
- Projeto Criarte;
- Unidade Curricular AVD.

Experiências fora da escola:

- DP- NASCIMENTO LDA- Croissants £ More;
- Salão Paula Cabeleireiro- Vila Franca de Xira;
- Café TIC-TAC - Vila Franca de Xira;
- JI Dr. Sousa Martins;
- JI Bairro do Paraíso.

Todos estes vetores, sustentaram – mesmo nos tempos desafiantes que a presente crise sanitária e económica nos traz – a abertura e disponibilidade de todos eles para continuarem a colaborar com os PIT. Só quem lida com os jovens, famílias e com as empresas e entidades parceiras sabe, para além do que as palavras possam traduzir, o verdadeiro impacto que estas experiências têm na dinâmica de inclusão. No entanto, sabemos que o processo não garante, por si, um futuro emprego e este é mais um desafio acrescido para as estruturas de apoio à empregabilidade.

Para os e as jovens os benefícios são imensos:

- Alegria e satisfação por serem úteis
- Motivação e autoestima
- Realização pessoal e profissional
- Reconhecimento e validação do seu trabalho
- Interação com a população
- Contacto com o meio laboral
- Oportunidade de experienciar diversas atividades.

Para os Parceiros e as Parceiras dos estágios, destaque os ganhos que referem:

- Satisfação com jovens motivados e empenhados
- Reconhecimento da sua produtividade e rentabilidade
- Sensibilização para as reais capacidades e potencial dos jovens
- Gratificação pessoal, por participarem num Projeto solidário.

Perante os diplomas legais a nível nacional e internacional sabemos que os direitos e deveres da empregabilidade estão consagrados, mas queremos fazer mais. Queremos que a atividade laboral seja uma realidade que assegure uma vida digna, com as condições sociais, económicas e psicológicas essenciais à autonomia. Queremos que a pessoa com deficiência seja o agente principal do seu Projecto de Vida e que a sua qualidade de vida vá para além da satisfação de necessidades básicas. Queremos que as aspirações legítimas destes jovens, que se empenham nas suas experiências de transição, se perpetuem no tempo e num enquadramento e vínculo profissional verdadeiramente promotores de emprego. Isso daria sentido aos valores e competências que adquiriram no seu percurso escolar.

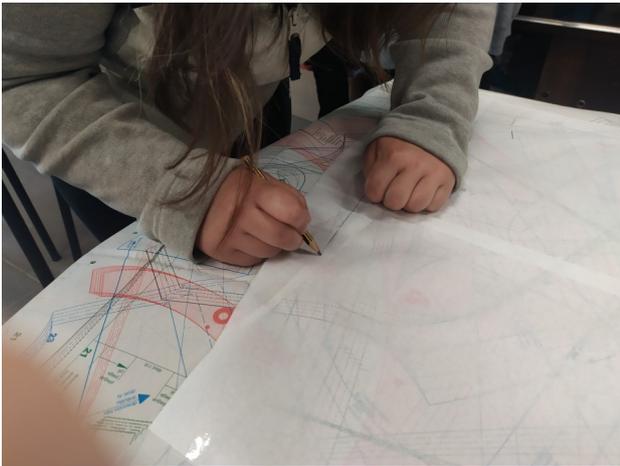


DESEMPENHANDO UMA TAREFA, NO ÂMBITO DE UM PIT, NUM ESTABELECIMENTO HOTELEIRO DA COMUNIDADE EDUCATIVA.

Não querendo incorrer numa resposta simplista considero, que alguns fatores podem ajudar na solução deste desafio, nomeadamente:

Maior concertação entre a planificação e desenvolvimento de programas e as necessidades de mercado. Mais formação para todos os agentes educativos. Articulação do espaço escola com serviços de apoio à empregabilidade. Legislação que sustente a ponte entre a inclusão e o emprego. Incremento de relações cooperativas entre escola e comunidade.

Aliás, a questão da inserção no mercado de trabalho é um desafio coletivo, uma abordagem em construção, de momento até muito volátil e em mudança, nestes tempos COVID. E atenção que esta questão não é exclusiva dos jovens com NEE. É transversal a todos porque todos os jovens lidam com uma origem social, económica e cultural com diferentes representações, experiências, objetivos e estratégias.



ALUNA DESENHANDO OS MOLDES PARA A CONFEÇÃO POSTERIOR DE UM VESTIDO.



INÍCIO DA CONFEÇÃO DO VESTIDO ANTERIORMENTE DESENHANDO, NO ATELIER “AGULHA & DEDAL” .

A escola é onde se aprende a lidar com o futuro, seja esse futuro um grau acadêmico, uma oportunidade profissional ou uma ocupação de participação na comunidade. O crescendo da capacidade de independência e estabilidade pessoal, afetiva, profissional e familiar vai ditando o nosso nível de inclusão social. E para isso, o papel da educação na promoção da igualdade e na correção da desigualdade. A escola ao entender isto, põe a relação pedagógica ao serviço da relação social e facilita e promove a cidadania de todos. O papel da escola é educar e educar é também alargar horizontes, abrir-se à heterogeneidade, valorizar a diferença, a diversidade, promover a acessibilidade, a oportunidade e a capacitação. É um agente que facilita a conquista e a consolidação desses direitos. O PIT bem-sucedido nasce destas premissas e procura uma resposta às reais necessidades dos alunos, comprometendo-se com a sua formação e capacitação, desenvolvendo atuações colabo-

rativas e articulando os interesses do jovem, da família e da comunidade.

Os instrumentos que promovem a qualidade de vida e inclusão da pessoa com deficiência durante o seu percurso escolar não se esgotam, obviamente, no PIT, mas sem dúvida esta intervenção, desde a planificação à sua operacionalização devolve-nos muito do universo do jovem que atendemos: o seu histórico, condições, contexto, valores, interesses e aptidões. É uma ponte valiosa entre a inclusão escolar e a participação ativa e efetiva na vida social. Permite experiências reais, diretas, dentro e fora do estabelecimento de ensino na perspectiva de capacitar e dotar todos os intervenientes de maior competência emocional, social, técnica e cívica. Mas como uma imagem vale por mil palavras deixo no entusiasmo, empenho e alegria destes rostos a maior prova dos resultados que podem ser alcançados.



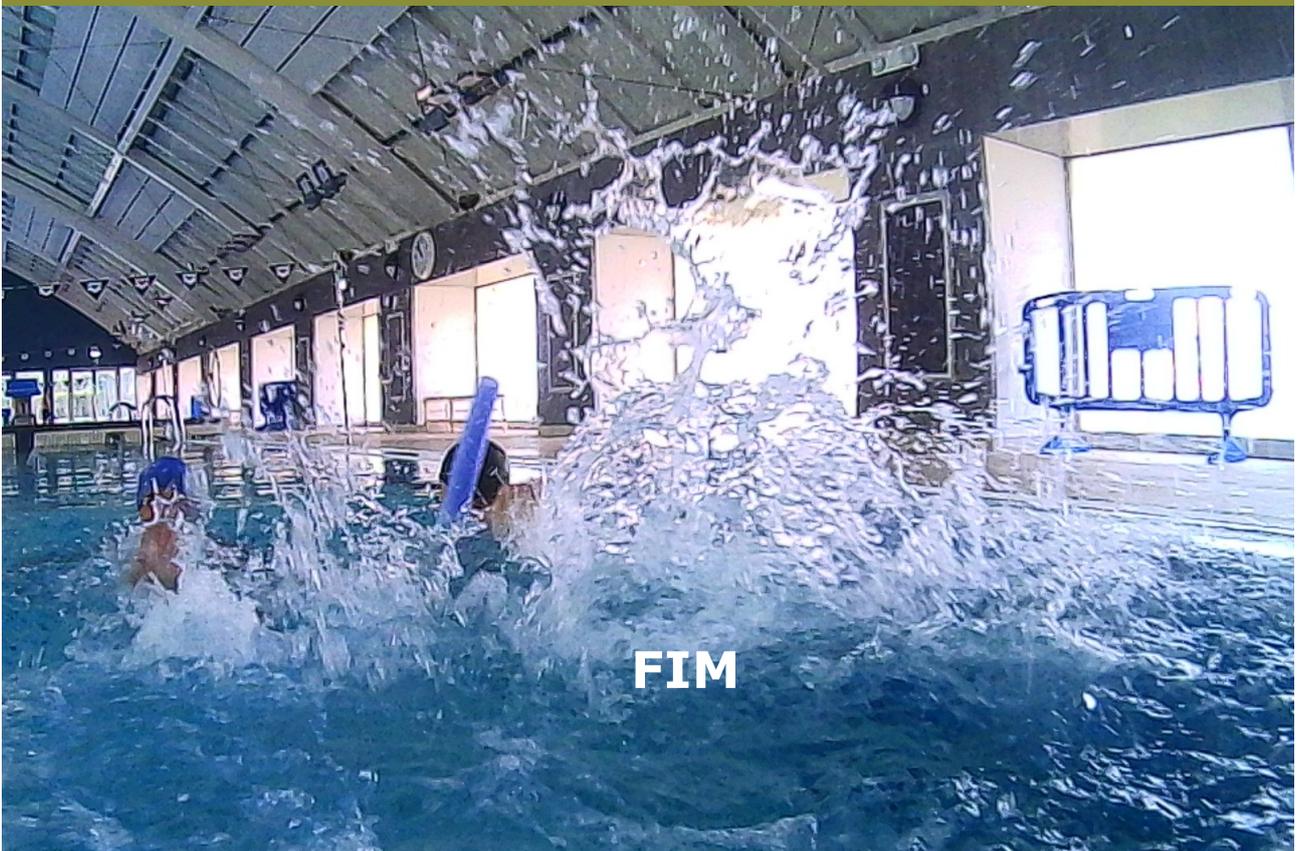
DESENVOLVENDO DIVERSAS TAREFAS NO ATELIER “AGULHA E DEDAL”, COORDENADO PELA DOCENTE CARLA MORGADO E QUE VISA CAPACITAR OS E AS DISCENTES PARA O DESEMPENHO DE TAREFAS RELACIONADAS COM A VIDA DIÁRIA.





DISCENTES DA UNIDADE DE ENSINO ESTRUTURADO DA REYNALDO, NUMA AULA DE NATAÇÃO.

A TODOS E A TODAS, A MAGAZANO DESEJA OS MAIORES SUCESSOS E UM FUTURO BRILHANTE!



FIM